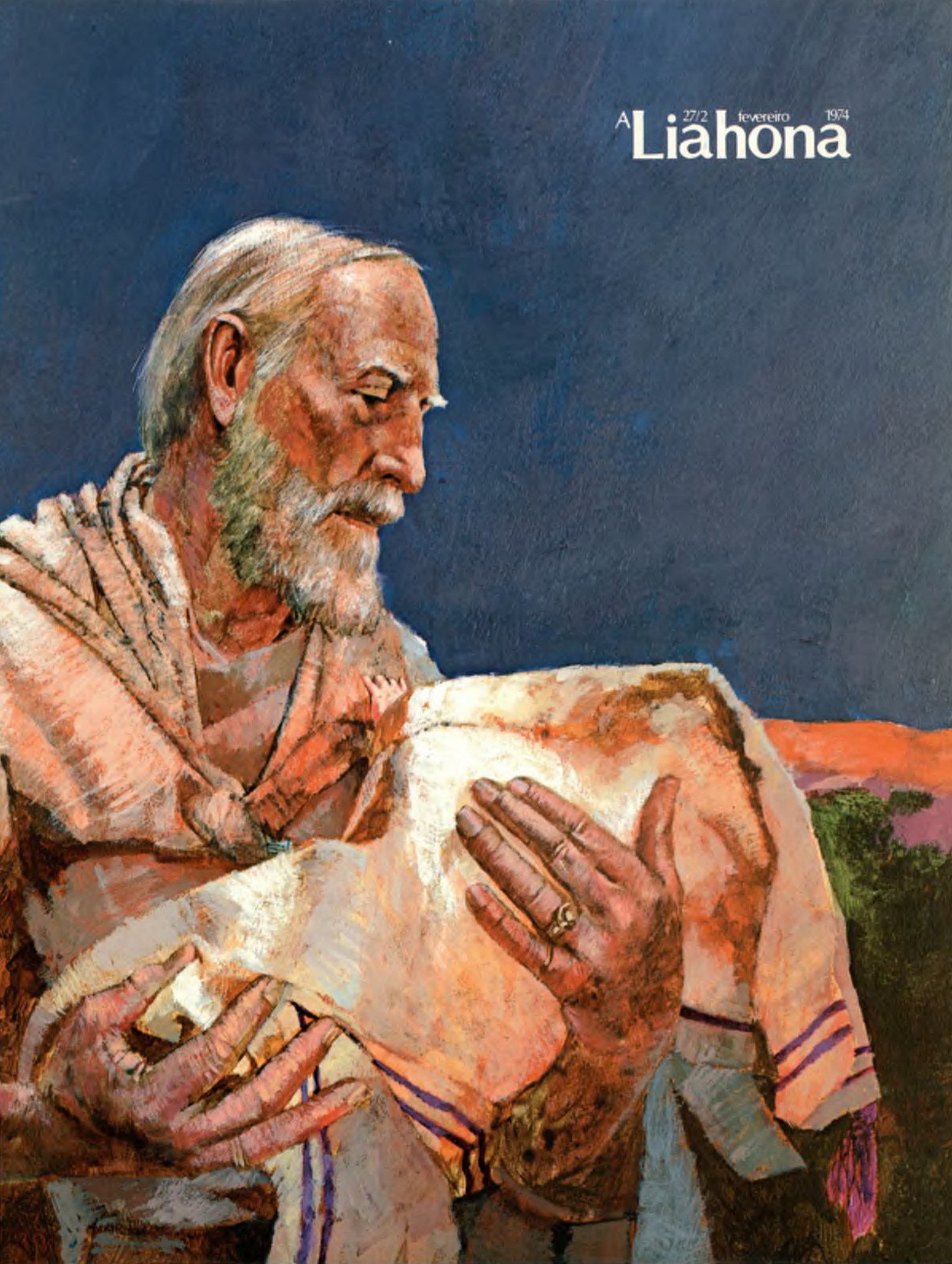
A Liahona 27/2 fevereiro 1974



A Liahona 27/2 fevereiro 1974

Publicação mensal d'A
Igreja de Jesus Cristo dos
Santos dos Últimos Dias

Neste Número

3 **O Sacerdócio de Deus** ..... Presidente N. Eldon Tanner

9 **Ele Pode ser um Homem de Deus** ..... Leon R. Hartshorn

11 **Maneiras e Costumes Hebraicos** ..... Sidney B. Sperry

16 **Os Convênios e Bênçãos de Abraão**

19 **O Presidente Smith o Tomou pela Mão**

20 **As Placas de Ouro** ..... Margaret C. Richards e Carol C. Madsen

21 **Um Apóstolo fala às Crianças** .... Elder Marvin J. Ashton

22 **De um Amigo para Outro** ..... Elder Theodore M. Burton

24 **Onde Lisa Aprende** ..... Mary Ellen Jolley

25 **Jornadas e Acontecimentos da Vida de Abraão**

28 **Pureza de Coração** ..... Bispo Vaughn J. Featherstone

30 **Perguntas e Respostas**

31 **O Que é um Profeta Vivo?** ..... Presidente A. Theodore Tuttle

34 **Rocha da Revelação** ..... Élder Joseph Anderson

37 **A Constituição do Ensino Familiar**

39 **Apenas para Divertir**

40 **Uma voz Vinda do Nevoeiro**

41 **Olhai para Vossas Criancinhas** .... Elder Boyd K. Packer

44 **A Verdadeira Força da Igreja** .... Élder Gordon B. Hinckley

48 **A História da Igreja no Brasil**

50 **Vamos Ler** ..... Walter Croccia

51 **Conferência da Estaca São Paulo Sul**

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie

COMITE DE SUPERVISÃO
J. Thomas Fyans, Diretor-Gerente de Comunicações Internas, John E. Carr, Diretor de Distribuição e Tradução; Doyle L. Green, Diretor de Revistas da Igreja; Daniel H. Ludlow, Diretor de Materiais de Instrução.

EDITOR
Larry Hiller

EDITOR RESPONSÁVEL
Osiris G. Cabral

REDATOR
Wilson Taveira

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Francisco da Silva Padro, 172, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

REGISTRO
Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P.209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079 São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr$ 15,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,50; exemplar atrasado: Cr$ 1,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

Mensagem da Primeira Presidência
pelo Presidente N. Eldon Tanner
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

O Sacerdócio De Deus

"As ordenanças do Evangelho podem ser recebidas ou administradas tão somente pela autoridade do Sacerdócio. Sem ela, ninguém poderá batizar, confirmar, ordenar, oficiar ou ocupar qualquer cargo diretivo na Igreja. Nas organizações femininas, as ocupantes de posições como oficiais e professoras são chamadas e designadas pela Autoridade do Sacerdócio."

É **um imenso privilégio, bênção** e responsabilidade ser membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, onde o Sacerdócio e autoridade de Deus dirigem e administram os negócios da Igreja. Por e sob esta autoridade, todas as ordenanças da Igreja são administradas e recebidas. Ser portador desse Sacerdócio e autoridade é um privilégio, uma bênção e responsabilidade ainda maiores, e a respeito desse poder divino é que gostaria de falar.

Parece-me que a melhor maneira de fazê-lo é respondendo a perguntas que me têm sido propostas, tais como:

1. O que é o Sacerdócio?
2. Em que fundamentam sua pretensão de ser a sua igreja a única possuidora do Sacerdócio ou autoridade de Deus?
3. Por que afirmam ser o Sacerdócio necessário na administração dos negócios da Igreja?
4. Quem tem o Sacerdócio?
5. Quais as responsabilidades de um portador do Sacerócio?
6. Quais são as bênçãos do Sacerdócio?

Embora querendo tratar do Sacerdócio pertinente aos últimos dias, devemos compreender, segundo explicou Brigham Young, que o Sacerdócio é a lei pela qual os mundos são,

foram e serão criados e povoados. É ela quem lhes determina suas revoluções, seus dias, semanas, meses, anos e estações.

Declarou ainda ser o Sacerdócio "perfeito sistema de governo, de leis e ordenanças, pelo qual podemos ser preparados para passar de uma para outra porta, e de uma sentinela para outra, até chegarmos à presença de nosso Pai e Deus". **(Journal of Discourses, vol. 2 p. 139)**

O Sacerdócio de Deus foi delegado a Adão, e transmitido até Abraão, que o recebeu do grande sumo-sacerdote Melquisedeque, "Sacerdócio esse que continua na Igreja de Deus em todas as gerações, e não tem princípio de dias nem fim de anos."

"E também confirmou o Senhor um Sacerdócio sobre Aarão e sua semente, através de todas as suas gerações, o qual Sacerdócio também continua e permanece para sempre com o Sacerdócio segundo a santíssima ordem de Deus.

"E este Sacerdócio maior administra o Evangelho e possui a chave dos mistérios do reino, mesmo a chave do conhecimento de Deus.

"Portanto, nas suas ordenanças, se manifesta o poder de divindade.

"E sem as suas ordenanças, e a autoridade do Sacerdócio, o poder de divindade não se manifesta aos homens na carne." (D&C 84:17-21)

Agora, passamos à restauração do Sacerdócio nos últimos dias e ao motivo de pretendermos que nossa igreja é a única que tem o Sacerdócio e autoridade de Deus.

Nossa quinta Regra de Fé estabelece claramente: "Cremos que um homem dever ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos por quem possua autoridade para pregar o Evangelho e administrar as suas ordenanças."

Esta declaração concorda plenamente com a de Paulo aos hebreus, quando fala das ordenações sacerdotais: "E ninguém toma para si esta honra, senão o que é chamado por Deus como Aarão." (Heb. 5:4)

Seu Sacerdócio é uma das distintas e importantes características da Igreja, tão belamente definido pelo Presidente Joseph F. Smith:

"(O Sacerdócio) é nada mais nada menos que o poder de Deus delegado ao homem, e através do qual este pode agir na terra para a salvação da família humana em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, e agir legitimamente; não se apropriando dessa autoridade ou emprestando-a de gerações passadas, mas usando a autoridade outorgada em nossos dias pela ministração de anjos e espíritos do alto, vindos diretamente da presença do Deus Todo-Poderoso..." **(A Doutrina do Evangelho,** vol. 1, p. 105)

Na época em que Joseph Smith e Oliver Cowdery traduziam o Livro de Mórmon, João Batista apareceu a eles; e, depois de anunciar que estava agindo sob a ordem de Pedro, Tiago e João, os antigos apóstolos que tinham as chaves do Sacerdócio Maior, ele conferiu a Joseph e Oliver o Sacerdócio Aarônico com estas palavras:

"A vós, meus conservos, em nome do Messias, eu confiro o Sacerdócio de Aarão, que possui as chaves da ministração dos anjos, do Evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para remissão dos pecados; e isto nunca mais será tirado da terra, até que os filhos de Levi ofereçam outra vez, em retidão, um sacrifício ao Senhor." (D&C 13)

Joseph Smith registra que, posteriormente, Pedro, Tiago e João os ordenaram (ele e Oliver) apóstolos e testemunhas especiais de Jesus Cristo, para que tivessem as chaves do ministério do seu reino e uma dispensação do Evangelho para os últimos dias e a plenitude dos tempos. (Vide D&C 27:12-13)

Na época da organização da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o Senhor concedeu a seguinte revelação a Joseph Smith:

"Eis que um registro deverá ser conservado entre vós; e nele serás chamado vidente, tradutor, profeta, apóstolo de Jesus Cristo, élder da igreja pela vontade de Deus, o Pai, e pela graça do teu Senhor Jesus Cristo,

"Sendo inspirado pelo Espírito Santo para lançar o seu alicerce e edificá-la à mais sagrada fé." (D&C 21:1-2)

Não é possível apossar-se da autoridade do Sacerdócio nem arrogar-se tal; ela tem que ser delegada por Deus, através de alguém que tenha autoridade. Um dos motivos da confusão existente nas igrejas de hoje é que o homem

assumiu essa autoridade sem a competente delegação do Senhor. Ele não tem mais direito de arrogar-se essa autoridade sacerdotal do que teria um indivíduo de proclamar-se, por vontade própria, representante de um rei ou parlamento, ou presidente de uma nação. De fato, se alguém assinasse documentos como tal, sem ter sido devidamente nomeado ou empossado, acusá-lo-iam de falsificação e seria entregue à justiça.

Pudesse o mundo compreender e aceitar essa verdade, não lhe seria difícil concordar com o fato de que essa autoridade tem sido dada ou delegada pelo Senhor, como o foi a Joseph Smith, para organizar a sua igreja. Mas, cumpre não esquecer que, quando Deus estabelece na terra o verdadeiro Sacerdócio, há sempre presente também um falso sacerdócio pretextando os poderes do verdadeiro. Pela fé e oração e pelo testemunho do Espírito Santo, podemos distinguir a verdade.

Chegamos agora à terceira questão — a necessidade do Sacerdócio na administração dos negócios da Igreja. As ordenanças do Evangelho podem ser recebidas ou administradas tão somente pela autoridade do Sacerdócio. Sem ela, ninguém poderá batizar, confirmar, ordenar, oficiar ou ocupar qualquer cargo diretor na Igreja. Nas organizações femininas, as ocupantes de posições como oficiais ou professoras são chamadas e designadas pela autoridade do Sacerdócio.

Em cada dispensação de tempo, tem havido um líder portador do Sacerdócio de Deus. Na atual, a dispensação da plenitude dos tempos, o Sacerdócio foi restaurado e está agora na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que está assim, plenamente autorizada a pregar o Evangelho e administrar as ordenanças. Evidentemente, a fonte do Sacerdócio é a Deidade, e o Sacerdócio possuído pelo homem é autoridade delegada sem a qual nossos trabalhos não teriam nenhuma eficácia.

Mais outra razão para a necessidade do Sacerdócio é encontrada na nona Regra de Fé: "Cremos em tudo o que Deus tem revelado, em tudo o que ele revela agora, e cremos que ele ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus."

Sabemos que Deus revela seu intento e vontade aos seus servos, os profetas, e é necessário que o Senhor tenha um representante do Sacerdócio por meio do qual possa tornar conhecida a sua vontade e seu pensamento e que, por sua vez, sirva como seu porta-voz para com os membros da Igreja. Por conseguinte, é preciso haver o Sacerdócio, a fim de interpretar e executar os propósitos de Deus.

Nossa quarta questão indaga: Quem tem o Sacerdócio? Replicamos que qualquer homem que esteja qualificado e é ordenado pode ter o Sacerdócio e oficiar no cargo do qual é portador. Entretanto, hoje em dia, parece haver na Igreja a tendência de achar que todo rapaz, ao atingir doze anos de idade, deve receber automaticamente o Sacerdócio Aarônico e ser ordenado diácono; e depois, avançar progressivamente de acordo com a idade, para os demais ofícios; e novamente, aos dezoito anos, ser ordenado automaticamente um élder.

Isto é contrário aos ensinamentos da Igreja e à ordem do Sacerdócio. Todo homem, moço ou velho, tem que viver de acordo com os convênios feitos ao entrar nas águas do batismo, e ser digno sob todos os aspectos, a fim de receber o Sacerdócio ou nele ser avançado.

O Sacerdócio é um dos maiores dons e bênçãos que um homem pode receber. Todo pai, todo professor, todo bispo e todo presidente de estaca deveria ensinar ao pretendente o que é o Sacerdócio; e então a autoridade presidente deverá convencer-se, por meio de uma entrevista minuciosa antes da ordenação, de que o jovem é digno sob todos os aspectos, e que aprecia o significado do Sacerdócio para ele e sabe quais são as suas obrigações. Ele precisa, também, ser aprovado pelo corpo do Sacerdócio.

Quando Deus autoriza qualquer homem a falar ou agir em seu nome, seja ele um diácono, mestre, sacerdote, élder, setenta ou sumo-sacerdote, ele certamente espera que tal homem seja um representante digno.

Imaginem um moço de 18 anos receber a autoridade para pregar, batizar e ordenar outros rapazes como diáconos, mestres, sacerdotes e élderes, com idêntica eficácia à dos portadores de posição mais elevada na Igreja. Imaginem que grande responsabilidade, privilégio e honra a dele. Repito, nunca é demais salientar

"O Sacerdócio é para o bem de todos — homens, mulheres e crianças. Por meio dele, recebemos e administramos as ordenanças do Evangelho, que incluem o batismo, a confirmação, o sacramento, todas as ordenanças do templo, inclusive os selamentos para o tempo e a eternidade e os trabalhos vicários. Pelo poder do Sacerdócio, os doentes são curados, os coxos voltam a andar, os cegos a enxergar e os surdos a ouvir, de acordo com a sua fé e a vontade de nosso Pai que está nos céus. As bênçãos do Sacerdócio confortam os enlutados e socorrem os aflitos."

a importância de ser digno dessa enorme bênção e de se constituir um exemplo para o mundo.

As questões cinco e seis dizem respeito às responsabilidades e bênçãos do Sacerdócio. Seu portador deve aceitar qualquer ofício para o qual possa ser chamado, ou qualquer designação feita por seu oficial presidente, para magnificar o seu Sacerdócio e servir a seus semelhantes. Lembrem-se do que diz o Senhor:

"Pois aqueles que forem fiéis até a obtenção destes dois Sacerdócios dos quais falei, e magnificam os seus chamados, são santificados pelo Espírito para a renovação de seus corpos.

E a seguir, acrescenta esta sublime promessa: "... portanto, tudo o que meu Pai possui ser-lhe-á dado." (D&C 84:33,38) Tudo é condicionado à magnificação do Sacerdócio.

Todos nós deveríamos ler, estudar e compreender as seções 84 e 107 de Doutrina e Convênios, que tratam do assunto.

Jamais esquecerei a importância que meu pai dava às responsabilidades de ser um portador do Sacerdócio. Embora vivêssemos numa fazenda e estivéssemos sempre muito ocupados, ele acentuava que meus deveres sacerdotais vinham em primeiro lugar. Fui criado com o lema e a crença de: "... buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas", o que minha experiência e observação provaram ser verdade. Meu pai deu-me igualmente oportunidade de agir, em casa, no meu oficio e chamado sacerdotal abençoando os enfermos ou fazendo outros serviços apropriados.

A gente nunca sabe que influência ele poderá exercer naqueles com quem convive ou como afetará a vida deles. Como portadores do Sacerdócio, temos que dar um exemplo de retidão; ser honestos em tudo o que fazemos; evitar vulgaridades e irreverência; demonstrar a nossos vizinhos e a todos com quem convivemos que levamos uma vida limpa e digna. Guardem os mandamentos.

Devemo-nos esforçar por ter paz e harmonia em nossa casa e fazer com que essa influência se espalhe pelo mundo. É responsabilidade dos portadores do Sacerdócio manter plenamente os padrões da Igreja, e em qual-

quer tempo incentivar os outros a fazerem o mesmo. Temos que amar nosso próximo como a nós mesmos e oferecer nossos préstimos aos que estão necessitados.

O Sacerdócio é para o bem de todos — homens, mulheres e crianças. Por meio dele, recebemos e administramos as ordenanças do Evangelho, que incluem o batismo, a confirmação, o sacramento, todas as ordenanças do templo, inclusive selamentos para o tempo e a eternidade e trabalhos vicários. Pelo poder do Sacerdócio, os doentes são curados, os coxos voltam a andar, os cegos a enxergar, e os surdos a ouvir, de acordo com sua fé e a vontade de nosso Pai que está nos céus. As bênçãos do Sacerdócio confortam os enlutados e socorrem os aflitos.

Realmente, entendêssemos nós a força plena do que tudo isso significa, provavelmente sentiríamos o mesmo que Oliver Cowdery, ao descrever a aparição de João Batista para restaurar o Sacerdócio Aarônico e, assim, dar início ao estabelecimento do reino de Deus aqui na terra:

"Repentinamente, como se fora do meio da eternidade, a voz do Redentor nos manifestou paz. Enquanto isso, partiu-se o véu, e um anjo de Deus desceu revestido de glória e deixou a esperada mensagem e as chaves do Evangelho do arrependimento. Que alegria! Que admiração! Que assombro! Enquanto o mundo se fazia em pedaços, confundido — enquanto milhões buscavam apalpando a parede como cegos, e enquanto todos os homens se baseavam na incerteza como massa geral, nossos olhos viram, nossos ouvidos ouviram como no fulgor do dia; sim, mais — maior que o resplendor do sol de maio nesses momentos banhava com seu brilho a face da natureza. Então, sua voz, ainda que humilde, penetrou até o centro, e suas palavras: 'Sou vosso conservo', desvaneceram todo o temor. Escutamos! Contemplamos! Admiramos! 'Era a voz de um anjo de gólria'; era uma mensagem do Altíssimo! E ao ouvir, nos rejubilamos, enquanto seu amor acendia nossas almas e éramos envoltos na visão do Onipotente! Que lugar havia para dúvidas? Nenhum; a incerteza havia fugido. A dúvida se havia submergido para não se levantar jamais, enquanto a mentira e a decepção haviam desaparecido para sempre. **(Documentary History of the Church,** vol. 1, p. 43)

Falando do Sacerdócio, o Presidente J. Reuben Clark fez este comentário: Se o governo civil de qualquer de nossas comunidades fosse subitamente eliminado, a organização da Igreja poderia assumir o leme da comunidade, desde que dispusesse da necessária sanção civil. Declarou que os mestres, a quem cabe manter a ordem na Igreja, poderiam agir como força policial. Os bispos seriam autorizados a funcionar como juízes; os sumos-conselhos e presidentes de estaca presidiriam outros tribunais, tanto de apelação como de jurisdição original, com possibilidade de recorrer da decisão à presidência da Igreja. Depois, diz que a autoridade para fazer todas as leis e regulamentos imprescindíveis para governar o povo reside no presidente da Igreja.

Claro está que a organização do Sacerdócio é completa e perfeita, e está pronta e disponível, quando o Senhor vier reinar sobre a terra.

Um marcante exemplo da perfeita organização e força do Sacerdócio é o explicado pelo Presidente Harold B. Lee quanto à sua experiência ao ser chamado, em 1935, para organizar o programa de bem-estar da Igreja, destinado a colocá-la em condições de cuidar de seus próprios necessitados e não depender da assistência governamental. Ele conta que, ao rogar por diretrizes ao Senhor, em fervente prece, quanto ao tipo de organização que devia estabelecer, recebeu a clara resposta: "Não há necessidade de nenhuma nova organização para cuidar das necessidades deste povo. Basta pôr o Sacerdócio de Deus a trabalhar. Nada mais se faz necessário como substituto." Isto foi feito, e o programa do bem-estar tem progredido, sendo um monumento ao poder do Sacerdócio e um modelo para o mundo.

Empenhemos hoje, todos nós, nossa lealdade e devoção ao Sacerdócio de Deus, e sigamos o líder que é o porta-voz do Senhor aqui na terra. Fazendo assim, não só contribuiremos para a nossa própria paz e felicidade e a de nossa família, mas através do serviço prestado a nossos semelhantes, estaremos servindo ao Senhor e preparando-nos para habitar sua casa para todo o sempre.

Ele Pode Ser Um Homem De Deus

Leon R. Hartshorn

Em abril de 1836, Parley P. Pratt, do Conselho dos Doze Apóstolos, recebeu um chamado para ir a Toronto, Canadá, onde, foi-lhe dito, encontraria um povo preparado para a plenitude do Evangelho, "e eles hão de receber-te e organizarás a Igreja entre eles, e ela irá espalhar-se dali para as regiões circunvizinhas e muitos serão levados ao conhecimento da verdade e encher-se-ão de júbilo; e das coisas nascidas dessa missão, a plenitude do Evangelho será espalhada para a Inglaterra, e propulsionará ali a realização de uma grande obra."

Em viagem para o Canadá, ele encontrou um homem que lhe deu dez dólares como auxílio e uma carta de apresentação para John Taylor, de Toronto. Chegando à casa dos Taylors, naquela mesma noite, ele conta:

"A Sra. Taylor recebeu-me gentilmente e foi buscar o marido que estava ocupado na sua oficina mecânica. Contei-lhes da minha missão naquela cidade...

"De manhã, pus-me a visitar um por um dos clérigos locais, apresentando-me e explicando minha missão. Recusaram-me qualquer hospitalidade, negando-se a deixar-me pregar em uma de suas casas ou congregação. Um começo nada promissor, pensei comigo, considerando as profecias nos meus ombros no tocante a Toronto. Entretanto, sem desanimar, solicitei ao Xerife permissão para usar o edifício do tribunal, e depois, dirigi-me às autoridades por uma sala pública na praça do mercado, mas sem sucesso. O que mais poderia fazer? Exaurira minha influência e poder sem resultado. Dirigi-me para um bosque de pinheiros, bem nos limites da cidade e, ajoelhando-me, clamei ao Senhor, prestando testemunho de meus insucessos, de minha inabilidade para abrir o caminho, rogando-lhe, ao mesmo tempo, em nome de Jesus Cristo, que abrisse uma porta eficaz, para que seu servo pudesse cumprir a sua missão naquela localidade.

"Ergui-me, então, e voltei para a cidade, indo até a casa de John Taylor. Já tinha minha bagagem na mão para ir embora do lugar onde nada de bom podia fazer, quando algumas perguntas da parte do Sr. Taylor, inspiradas por certa curiosidade ou preocupação, provocaram uma demora de poucos minutos, durante os quais uma senhora, chamada Walton, entrou na casa e, sendo conhecida da Sra. Taylor, se pôs logo a conversar com ela numa sala ao lado. Pude ouvir o seguinte:

"— Sra. Walton, que prazer em vê-la;! Está aqui um cavalheiro dos Estados Unidos que afirma ter sido enviado pelo Senhor a esta cidade para pregar o Evangelho. Recorreu, em vão, aos clérigos e a várias autoridades, solicitando uma oportunidade de cumprir a sua missão, e agora está de partida. Ele pode ser um homem de Deus; sinto muito ter que vê-lo partir.

"— Deveras? — disse a senhora, — bem, agora entendo os sentimen-

tos e o espírito que me trouxeram à sua casa neste momento. Eu estava ocupada na tina de lavar roupa e muito cansada para sair; mas senti-me induzida a dar uma volta. Pensei então em visitar minha irmã no outro lado na cidade; mas, ao passar por sua porta, o Espírito me mandou entrar; eu, porém, disse a mim mesma: 'Vou entrar na volta.' Mas o Espírito mandou: 'Entre agora'. Por isso, entrei e estou agradecida por tê-lo feito. Diga ao forasteiro que é bem-vindo à minha casa. Sou viúva, mas tenho um quarto e cama de sobra, e o bastante para comer. Ele terá um lar em minha casa e duas salas amplas para pregar quando quiser. Diga-lhe que mandarei meu filho John a fim de levá-lo para casa, enquanto vou convidar parentes e amigos para que venham hoje à noite mesmo, ouvi-lo falar, pois sinto pelo Espírito que é um homem enviado pelo Senhor com uma mensagem que nos fará bem.

"A noite encontrou-me sentado tranqüilamente na casa dela, no meio de um grupo de ouvintes, sentados em torno de uma grande mesa de trabalho na sala, e profundamente interessados na conversa...

"Depois de palestrar com essas pessoas interessantes até tarde da noite, retiramo-nos para dormir. No dia seguinte, a Sra. Walton pediu-me que fosse ver uma amiga, também viúva e em profundo abatimento, estando totalmente cega por uma inflamação nas vistas; estava sofrendo fortes dores havia vários meses e também reduzida à miséria, com quatro crianças para sustentar. O marido morrera de cólera havia dois anos, e ela havia sustentado a casa, dando aulas até ficar privada da visão; desde aí, dependia da sociedade metodista, sendo ela e as crianças um encargo público. A Sra. Walton mandou sua filhinha de doze anos para mostrar-me o caminho. Chegando lá, encontrei a pobre viúva cega e os órfãos indefesos num lúgubre aposento obscurecido, para que nenhum raio de luz fizesse doer os olhos dela. Expliquei-lhe as circunstâncias da minha missão, e ela acreditou. Coloquei minhas mãos sobre ela em nome de Jesus Cristo, dizendo-lhe:

— Seus olhos estarão curados a partir deste momento.

Ela arrancou as ataduras; escancarou a casa para a luz do dia; vestiu-se, e andando de olhos abertos, na mesma noite veio à reunião na casa da Irmã Walton, com olhos tão sadios e brilhantes como os de qualquer outra pessoa."

A Sra. Walton expressou sua disposição de ceder sua casa para o Élder Pratt pregar e ofereceu-se para alojar e alimentá-lo. Eis, afinal, um início. Ele começou realizando reuniões na casa da Sra. Walton, e pouco mais tarde foi introduzido nas reuniões de investigação feitas pelo Sr. Taylor e amigos religiosos.

Eles se deleitaram com a sua pregação. Ensinou-lhes fé em Deus e em Jesus Cristo; conclamou-os a se arrependerem de suas falhas e a serem batizados à semelhança do **sepultamento*** de Cristo, para a remissão dos pecados; e prometeu-lhe o Espírito Santo pela imposição das mãos, juntamente com aquilo em que acreditavam; porém, o que tinha a dizer sobre Joseph Smith e o Livro de Mórmon deixou muitos deles perplexos, e alguns dos membros se recusaram a examinar o Livro de Mórmon, ou mesmo a alegação do Élder Pratt de possuir autoridade divina para pregar o Evangelho e administrar suas ordenanças.

Foi nesse momento crítico que o nobre espírito de independência e intrepidez, tão patente na vida inteira de John Taylor, se fez valer. Dirigiu-se à assembléia nos seguintes termos:

"— Estamos aqui, ostensivamente em busca da verdade. Até agora, investigamos a fundo outros credos e doutrinas, e provamos sua falsidade. Por que não haveríamos de investigar o mormonismo? Este cavalheiro, Sr. Pratt, trouxe-nos muitas doutrinas que concordam com nossos pontos de vista. Temos suportado bastante e feito muitos sacrifícios por nossas convicções religiosas. Temos rogado a Deus que nos mande um mensageiro, caso haja uma igreja verdadeira na terra. O Sr. Pratt chegou até nós em circunstâncias bastante peculiares; e há uma coisa que o recomenda à nossa consideração; ele veio a nós sem bolsas ou **alforjes****, assim como viajavam os apóstolos de antigamente; e nenhum de nós é capaz de refutar sua doutrina pelas Escrituras ou lógica. Desejo investigar a sua doutrina e alegação de autoridade, e ficaria muito satisfeito, se alguns de meus amigos se unissem a mim; do contrário, estejam certos de que investigarei sozinho. Se achar que a sua religião é verdadeira, hei de aceitá-la, sejam quais forem as conseqüências; e se for falsa, então a desmascararei."

Depois disso, John Taylor pôs-se a investigar seriamente o mormonismo. Anotou oito sermões feitos pelo Élder Pratt e comparou-os com as Escrituras. Examinou também as evidências da autenticidade divina do Livro de Mórmon e do Doutrina e Convênios.

"— Fi-lo uma ocupação regular durante três semanas, — diz ele, — e segui o Irmão Parley de um a outro lado."

O resultado desse minucioso exame foi convicção; e no dia 9 de maio de 1836, ele e sua esposa se batizaram.***

Leon R. Hartshorn, Exceptional Stories from the Lives of Our Apostles, **(Salt Lake City: Deseret Book Co., 1972) pp. 192-201.**

* **Romanos 6:4**

** **Mateus 10:10**

*** **Nota: Em 19 de dezembro de 1838, John Taylor foi ordenado apóstolo, e em outubro de 1880, tornou-se o terceiro presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.**

Maneiras E Costumes Hebraicos

Sidney B. Sperry

Professor de Línguas e Literatura do Velho Testamento, Universidade Brigham Young

A **Bíblia é, de fato, um livro oriental.** Foi escrita há centenas de anos, por um e para um povo oriental.

O Novo Testamento, sem dúvida, veio até nós em grego, uma língua européia, ocidental; mas Jesus e seus apóstolos eram orientais e falavam o aramaico, um idioma oriental. Não só devemos saber algo a respeito da língua da Bíblia, mas também conhecer alguma coisa sobre as maneiras e costumes de seus povos, se quisermos entendê-la adequadamente.

A penetração de povos do ocidente está modificando bastante a área da

Palestina, mas ainda agora, lá para o interior, encontramos regiões em que a vida continua quase como o foi nos tempos de Abraão. O garoto camponês e a menina de aldeia ainda usam o mesmo estilo de roupas de seus antepassados. Pouco mudou a vida agrícola; até mesmo as saudações são praticamente idênticas às dos tempos bíblicos.

Muitos outros costumes e tradições continuam sendo observados na Palestina primitiva. Ao gesticular, os ocidentais chamam alguém com a palma da mão voltada para cima, acenando com o indicador; o palestino volta para baixo a palma da mão e dobra os quatro dedos em direção de si. Nós exprimimos negação balançando a cabeça de um lado para outro; o palestino joga a cabeça para trás. Quando entramos num lugar sagrado ou casa, tiramos o chapéu em sinal de respeito; o palestino primitivo tira os sapatos.

O pastor ocidental vai atrás das ovelhas, tocando-as; o oriental segue na frente, liderando-as. Quantas vezes, estando na Palestina, observei ovelhas seguirem seu pastor por uma trilha estreita em fila indiana! E nessas ocasiões, quantas vezes me vieram à mente as palavras de nosso Senhor: "... (ele) chama... as suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz." (João 10:3-4)

Os recém-casados ocidentais procuram montar casa própria tão logo seja possível; o casal palestino mora com a família do noivo. Notem que, quando o servo de Abraão voltou trazendo Rebeca de sua terra natal, "Isaque trouxe-a para a tenda de sua mãe Sara, e tomou a Rebeca, e folhe por mulher..." (Gên. 24-67) Rebeca tornou-se, assim, um membro do clã de Abraão.

Talvez seja interessante comparar as expressões dos palestinos antigos e modernos com os nossos. O oriental pensa e fala como um artista; o ocidental, por outro lado, poderia ser comparado a um arquiteto. Ao falar, o oriental pinta uma cena cujo efeito total é autêntico, mas cujos detalhes podem não corresponder à verdade; o ocidental tende a traçar diagramas detalhadamente corretos. Quando nosso Senhor falou da semente de mostarda como sendo "a mais pequena de todas as sementes" e da planta como "a maior de todas as hortaliças" (Marcos 4:31-32), ele falava como oriental. Qualquer botânico sabe que a semente de mostarda (sinapi) à qual se referia Jesus, ainda que minúscula, não é a menor de todas as sementes, nem a planta a maior das ervas.

Dos tempos de Abraão até se radicarem na Palestina como Pátria, os israelitas, viveram como nômades ou semi-nômades. Mesmo depois de estabelecidos na Palestina, eles conservaram numerosas características de sua primitiva maneira de viver.

Da vida árabe no deserto, nos dias de hoje, podemos reconstituir uma porção de antigos costumes hebreus. Tendo sido hóspede de xeques árabes no deserto, tenho, assim, ocasião de lembrar-me de certos relatos bíblicos dos antigos partriarcas.

A antiga família hebraica era patriarcal por natureza. O termo hebreu para descrevê-la era **beth'ab**, "casa de nosso pai". O pai era a autoridade suprema na família. Quando os filhos cresciam e se casavam, eles e os filhos deles ficavam também sob o controle paterno. Se tivesse mais de uma esposa ou se tinha filhos de concubinas ou servas, todos eles ocupavam posição idêntica aos demais filhos. Assim, os filhos de Jacó de quatro mães diferentes eram aceitos em termos iguais. A família incluía ainda aqueles que, embora não sendo de parentesco consagüíneo, tivessem entrado em relacionamento solene, para não mencionar servos e dependentes.

Em tempos mais remotos, a autoridade paterna incluía mesmo o poder de vida e morte. Por exemplo, Judá condenou à morte sua nora Tamar, quando esta foi acusada de conduta indecente.

A família hebréia era conhecida também como "casa". A formação de uma família era para construir uma casa. O emprego do termo **casa** era extremamente flexível, podendo significar a nação inteira (a casa de Jacó ou casa de Israel) ou um segmento do povo (a casa de Judá ou a casa de José).

Na família hebraica, o pai administrava a justiça entre os familiares, e suas palavras não admitiam discussão. Os deveres dos filhos e de todos da casa exigiam obediência e respeito. Um filho não se sentava em presença do pai sem ser convidado, tampouco dava opiniões sem permissão.

Quando da morte do pai, seu lugar era geralmente ocupado pelo filho mais velho, que se tornava então o chefe de toda a família, incluindo os membros idosos. A não ser que fos-

se, comprovadamente, indigno de ocupar tal posição, ele recebia todos os direitos, lealdade e privilégios do pai que o precedera. Não obstante, a Bíblia cita casos em que o pai designou outro que não o filho mais velho para seu sucessor. Por exemplo, José sucedeu a Jacó como pai das tribos, em lugar de Rubens que se provara indigno, e Salomão foi indicado como seu sucessor por Davi.

Certas autoridades asseguram que o casamento entre os antigos hebreus era uma instituição legal e não religiosa. Entre parte deles isto pode ter sido verdade, mas como santos dos últimos dias, sabemos que entre os grandes patriarcas, a religião desempenhava um papel muito importante.

Quando os filhos de uma família hebraica estavam para casar, suas esposas eram escolhidas pelos pais. Esse costume ainda prevalece entre os árabes em determinadas terras bíblicas. Entre os hebreus, os jovens casavam muito cedo. O Dr. Ludwig Kohler, um de meus ex-professores e estudioso insaciável das maneiras e costumes hebreus, dizia freqüentemente que o hebreu comum costumava ser pai aos dezenove, avô aos trinta e oito, e bisavô aos cinqüenta e sete anos. Ocasionalmente, um hebreu casava em idade mais avançada. Tal foi o caso de Isaque, que estava com quarenta anos ao tomar Rebeca por esposa. Ainda assim, Abraão, seu pai, escolheu Rebeca por intermédio da ação inspirada do chefe de seus servos.

Quando uma jovem era escolhida para ser esposa de um moço, o pretendente devia pagar um **mohar** ou

dote em dinheiro ao pai da noiva, ou mesmo à própria escolhida. Em caso de divórcio, o dote tornava-se uma proteção para ela. O dote pago poderia ser encarado como uma compensação à família pela perda de serviços valiosos prestados por ela, como guardando rebanhos ou trabalhando no campo.

Entre os judeus do Novo Testamento, o enlace se fazia geralmente em três etapas. Primeiro, havia o noivado, que podia ser realizado mesmo que os dois fossem ainda crianças. O arranjo podia ser feito pelos próprios pais ou por um casamenteiro profissional. Freqüentemente, o casal de noivos nunca havia visto um ao outro. Tal fato pode assombrar os jovens de hoje, mas o casamento era encarado como um passo muito sério e não como algo a ser resolvido por paixões humanas e ação precipitada. Segundo, havia os esponsais, quando o noivado era ratificado, a não ser que a moça se negasse a aceitá-lo. Porém, se o aceitasse, os esponsais eram encarados pelos judeus como absolutamente obrigatórios. Durante um ano, o casal era tido como marido e mulher, porém sem os direitos inerentes ao matrimônio. Os esponsais podiam ser desfeitos apenas pelo divórcio. Terceiro, celebrava-se o casamento propriamente dito ao fim do ano de esponsais.

Não ser casada era considerado como opróbrio entre as mulheres hebraicas. O Profeta Isaías refletiu tal sentimento, ao fazer mulheres solteiras dizerem a um homem: "...tira o nosso opróbrio" (Isaías 4:1)

Os recém-casados hebreus aguardavam com ansiedade a vinda de rebentos, especialmente de filhos homens. Notem as palavras poéticas do salmista: "Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre o seu galardão. Como flechas na mão do valente, assim são os filhos da mocidade. Bemaventurado o homem que enche deles a sua aljava..." (Salmo 127:3-5)

As mulheres estéreis consideravam-se amaldiçoadas por Deus e se mortificavam em seu coração. "Vendo pois Raquel que não dava filhos a Jacó, teve Raquel inveja de sua irmã (Lia), e disse a Jacó: "Dá-me filhos, ou senão morro." (Gên. 30:1)

Outro costume oriental é o de regatear. Uma noite, certo bom amigo meu, lojista em Jerusalém, disse-me que não se importava nem um pouquinho de cobrar dos compradores americanos, não acostumados a regatear, um preço muitas vezes superior ao valor do artigo. Ele apreciava o dinheiro deles, mas preferia que regateassem com ele.

Para ilustrar que a primeira quantia pedida por um comerciante quase nunca é o preço final aceito, vou contar duas de minhas experiências pessoais. Entrei numa loja de Jerusalém, para adquirir uns trajes típicos palestinos. Feita a escolha, o lojista arabe fez o preço em moeda americana. Depois de regatear uns dez minutos, acabei saindo da loja com a mercadoria, tendo pago um terço do preço original.

Noutra ocasião, estando a bordo de um vapor no porto de Argel, apareceu no tombadilho um árabe solitário com alguns pares de binóculos pendurados no ombro. Um deles era de excelente marca alemã, e decidi comprá-lo, se conseguisse um preço razoável. Assim ficamos regateado vigorosamente durante meia hora. Por fim, fechei negócio por menos da metade do preço original, incluindo um belo estojo de couro. Não me julguem mal. O árabe ainda teve lucro, pois, do contrário, não mo teria vendido."

Os ocidentais podem ficar surpresos em saber que o relato da compra do campo de Efrom por Abraão, com a cova para sepultar Sara, é na realidade a descrição de uma antiga cena de barganha. Quando Abraão assegurou a seus amigos hititas que pagaria a Efrom "o devido preço", este adiantou-se, "dizendo: Não, meu senhor; ouve-me, o campo te dou, também te dou a cova que nele está, diante dos olhos dos filhos do meu povo ta dou; sepulta o teu morto." (Gên. 23:9-11)

Muitos leitores hão de achar que Efrom era um homem extremamente bom e generoso, oferecendo a Abraão o campo e a cova por nada. Na verdade, suas palavras não passavam de um gesto de polidez para com o comprador. Observem que Abraão acabou pagando os quatrocentos siclos pedidos por Efrom pela propriedade. (Gên. 23:13-16)

Sim, conhecer as maneiras e costumes do antigo Oriente Próximo é necessário para se entender e apreciar a Bíblia.

---

1 Na família hebraica, o pai administrava justiça entre os familiares, e suas palavras não admitiam discussão."

2 O relato da compra do campo para o sepultamento de Sara, não é a história de um presente recebido por Abraão — mas de um antigo costume de barganha.

OS CONVÊNIOS E BENÇÃOS DE ABRÃO

"Amigo de Deus" (Tiago 2:23) Pai dos Fiéis (Gal. 3:8-9)

A vida de Abraão exemplifica uma fé perfeita, qualificando-o para as bênçãos que se comprometeu a obter. Estando em idade avançada, Sara e Abraão confiaram em que o Senhor os abençoaria com um herdeiro legal para o cumprimento dessas promessas. (Gên. 15:1-6) Perseveraram com paciência e foram abençoados mais tarde com Isaque, de quem viria a semente das "multidões" vindouras. (Gên. 21:1-3; Hebr. 11:11-12) A posse da terra para sua futura descendência nunca foi realmente recebida por Abraão na mortalidade; ele vivia ali como um estranho (Hebr. 11:8-10, 13-16), mas a promessa de uma ressurreição através do sacrifício de Cristo levou Abraão a regozijar-se, sabendo que obteria tal herança. (Gên 15:9-13; Versão Inspirada: João 8:56) O mandamento de Deus a Abraão para que oferecesse Isaque, seu herdeiro, como sacrifício (Gên. 22:1-9), forneceu a oportunidade para Abraão demonstrar uma completa e "perfeita" fé (Tiago 2:21-22) e sua obediência "foi-lhe imputado como justiça" (DEC 132:36), através dessa dura prova. Abraão não apenas obedeceu em integridade de fé (Hebr. 11:17-19), como aprendeu sobre a futura expiação de Cristo com profundo sentimento pessoal (Jacó 4:5) "Abraão recebeu todas as coisas, tudo que recebeu, por revelação e mandamento, pela minha palavra, diz o Senhor, e entrou para a sua exaltação e se assenta em seu trono." (DEC 132:29) Todos os que desejam qualificar-se como herdeiros de Abraão, as "jóias" de Deus, precisam ser "castigados e provados, mesmo como Abraão, a quem se mandou oferecer o seu único filhó." (DEC 101:4)

	Referências das bênçãos para			Notas Explanatórias	As Bênçãos de Abraão e dos Santos dos Últimos Dias
	Abraão	Isaque	Jacó (Israel)		
I. BÊNÇÃO DE UMA TERRA PROMETIDA "uma terra estranha que darei por possessão perpétua aos de tua semente." (Abr. 2:6)	Gên. 12:7 13:15; 15:9-14 (Vers. Insp. Gên. 15:7,18; 17:8; 24:7)	Gên. 26:3-4	Gên. 28:4, 13; 48:4	Abençoando seu filho José, Jacó profetizou acerca de outra terra para a sua posteridade (Gên. 49:22-26; Eter 13:2,7-8), com a promessa de que os remanescentes jamais seriam destruídos (Alma 46:24-25). Os descendentes de José foram guiados para essa terra (I Néfi 2:20) e ela continuará consagrada a todos os que o Senhor trouxer (II Néfi 1:6-7; 10:10-11; 3 Néfi 15:13; Éter 2:7) sob a condição de servirem ao Senhor. (Éter 2:12)	O Condado de Jackson, Missouri, é designado como lugar central da "terra prometida — o local da Nova Jerusalém (DEC 52:42; 57:1-3; 84:2-5) Judá se reunirá nas terras dadas a Abraão (DEC 109:64). Para os fiéis, a terra será eventualmente sua herança (DEC 45:58; 56:20; 63:20), em estado celestilizado. (DEC 88:18-20; 130:6-9)
II. BÊNÇÃO DE POSTERIDADE A. "Farei de ti uma grande nação." (Abr. 2:9)	Gên. 12:2; 18:18.				"que o exército de Israel se torne muito poderoso..." (DEC 105:26, 31-32)
B. "...serás o pai de uma multidão de nações." (Gên. 17:4-6,16)	Abr. 1:2			Uma "multidão", mesmo uma "grande nação" foi igualmente prometida através do filho de Abraão, Ismael, nascido de Hagar (Gên. 16:10; 17:20; 21:13; DEC 132:34) Outra mulher de Abraão, Quetura, deu-lhe seis filhos, dos quais Midiã e seus descendentes são mencionados como povo numeroso. (Gên. 25:1-4; Ex. 3:1; DEC 84:6) É aceito, em geral, que os descendentes de Ismael formam grande parte do povo árabe, e outra parte são a posteridade de Midiã.	
C. "...Multiplicarei a ti e a tua semente depois de ti, como... o número das areias (e estrelas dos céus)." (Abr. 3:14)	Gên. 13:16; 15:5; 17:2; 22:17	Gên. 24:60 26:4,24	Gên. 28:3,14 35:11; 48:4		Abraão recebeu promessas de que "sua semente... tanto no mundo como fora dele continuariam e seriam tão inumeráveis quanto as estrelas..." (DEC 132:30)

D. "...reis sairão de ti." (Gên. 17:6,16)			Gên. 35:11	Os direitos do "cetro" ou legislador foram prometidos a Judá e seus descendentes. (Gên. 49:9-10) O maior dos reis a nascer da linhagem de Abraão, através de Judá, foi Jesus Cristo (Mat. 1:1-17; Lucas 1:68-72), o "Rei d'Israel". (João 1:49)	
III. BÊNÇÃO DE SACERDÓCIO A. "...te levarei para pôr sobre ti meu nome, até mesmo o Sacerdócio." (Abr. 1:18)					
B. "...serás uma bênção à sua semente... para que... levem (meu)... ministério e Sacerdócio a todas as nações." (Abr. 2:9)					
C. "...este direito (de Sacerdócio) continuará em ti, e em sua semente (...a semente literal, ou a semente corporal)..." (Abr. 2:11)	Gên. 17:7,19; Abr. 1:3-4.	Gên. 17:9; 21:12			"...vós, com quem o Sacerdócio tem continuado através da linhagem de vossos pais — Pois de acordo com a carne, sois herdeiros legais." (DEC 86:8-9)
D. "...eu abençoarei aos que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem..." (Abr. 2:11)	Gên. 12:3			Aqueles que trabalham no Sacerdócio em retidão, têm igualmente o poder de abençoar e amaldiçoar. (DEC 75:18-22; 132:47)	
E. "...mediante teu ministério meu nome será conhecido na terra para sempre". (Abr. 1:19)	Gên. 17:7-8	Gên. 26:24	Gên. 28:13	O legítimo conhecimento de Deus e do Evangelho foi e é dado a conhecer ao mundo através de Abraão e seus descendentes que são chamados. (Êx. 3:6,13-15; 4:5; Mat. 22:32; João 8:56-58; I Néfi 19:10; DEC 136:21)	
IV. BÊNÇÃO DE SALVAÇÃO E EXALTAÇÃO A. "E eu os abençoarei através de teu nome: 1 ...quando receberem este Evangelho, serão chamados segundo teu nome, e serão contados entre tua semente..." (Abr. 2:10)				A aceitação do Evangelho traz o Espírito Santo para a vida do indivíduo; e "ao descer o Espírito Santo sobre o que é descendente literal de Abraão, seguem-se calma e serenidade, e toda a sua alma e corpo sentem tão somente o espírito puro da inteligência, enquanto o efeito do Espírito Santo num gentio é retirar-lhe o sangue velho e convertê-lo efetivamente em descendente de Abraão. (Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, p. 145)	"...sois os filhos de Israel, da semente de Abraão" (DEC103:17. Vide também Mosiah 5:7)

B. "...farei teu nome grande entre todas as nações..." (Abr. 2:9	Gên. 12:2			A 3 de abril de 1836, Elias apareceu no Templo de Kirtland e "conferiu a dispensação do Evangelho de Abraão". (DEC 110:12) Este Elias foi Noé. (Vide Joseph Fielding Smith, Conference Report, abril de 1960, p. 72) Ele restaurou a plenitude das bênçãos do Evangelho que Adão (Moisés 5:58; 6:51-52) e ele próprio (Moisés 8:19-20,23-24), bem como outros patriarcas anteriores a Abraão, haviam possuído. Porém, Abraão tem a honra de as bênçãos serem chamadas por seu nome, porque, através do seu ministério e o da sua semente, o nome de Deus e o Evangelho seriam conhecidos "na terra para sempre". (Abr. 1:19)	
C. "...e (muitos) se levantarão e te abençoarão como seu pai." (Abr. 2:10; Vide também Isaías 51:2)					
D. "...ele (Abraão) há de ordenar a seus filhos... que guardem o caminho do Senhor, para obrarem com justiça e juízo..." (Gên. 18:19)	Gên. 17:9; Versão Insp. Gên. 17:4-7, 11-12)		Rom. 9:13	Através das gerações, muitos têm afirmado que o parentesco consangüíneo com Abraão lhes garantia suas bênçãos. As Escrituras, porém, testificam que "nem todos os que são d'Israel são israelitas; Nem por serem descendência de Abraão são todos filhos..." (Rom. 9:6-7); "...os que são da fé são filhos de Abraão" (Gál. 3:7) Pois as promessa do Evangelho são obtidas unicamente pela retidão. (Rom. 4:13) Aqueles que são filhos de Abraão, fazem as "obras de Abraão". (João 8:39)	"...aqueles que forem fiéis até a obtenção destes dois Sacerdócios ...e magnificam os seus chamados, ...se tornam os filhos de Moisés e de Aarão e a semente de Abraão..." (DEC 84 33-34) "Vai, portanto, e faze as obras de Abraão; guarda a minha lei e serás salvo." (DEC 132:32)
E. "...em tua semente depois de ti... serão abençoadas todas as famílias da terra..." (Abr. 2:11)	Gên. 12:3; 18:18; 22:18	Gên. 26:4	Gên. 28:14	A mensagem evangélica da expiação de Jesus Cristo é a mais importante mensagem indvidual para todas as famílias da terra (**Ensinamentos do Profeta Joseph Smith**, p. 118; 1 Cor. 15:22) A semente de Abraão (Israel) foi dispersa entre as famílias da terra, (Deut. 4:27; 28:64 Lev. 26:33) "para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios..." (Gál. 3:14) e às nações. (Vide também I Néfi 15:16-18; Jacó 5)	Através da obra da restauração pelas mãos do Profeta Joseph Smith, está sendo cumprida a promessa de que a semente de Abraão seria uma bênção para as "tribos da terra" (DEC 124:58)
F. "...te abençoarei sobremaneira... mesmo com as bênçãos do Evangelho, que são as bênçãos da salvação, até mesmo da vida eterna." (Abr. 2:9,11)	Gên. 12:2			Os profetas previram a restauração do Evangelho, (1 Néfi 22:4-9; 3 Néfi 20:27; 21:1-7) e a renovação dos convênios (DEC 1:17, 22-23; Deut. 4:31; Jer. 31:31-34; Ezequ. 37:24-28), mesmo os instrumentos em Israel que realzariam a obra (II Néfi 3-4-21). A coligação da casa de Israel é parte da obra da restauração. (Deut. 30:1-5; I Néfi 14:7; 15:12-16)	Aqueles que se qualificam e celebram o convênio do casamento celestial (no templo) e são selados pelo "Santo Espírito da promessa", serão exaltados com "uma continuação das sementes... Então serão deuses..." (DEC 132:19-20. Vida também DEC 132:29-31)

O Presidente Smith O Tomou Pela Mão

John Roothoof, de onze anos, morava em Rotterdam, na Holanda. No passado, era um garoto feliz que ia à escola e à igreja, brincava com os colegas e fazia tudo o que os meninos costumam fazer. Então, de repente, um doloroso mal nos olhos fê-lo perder a vista. Já não mais podia ir à escola ou ler. Não enxergava nem mesmo o bastante para poder brincar com os amigos. Todos os dias era só escuridão e sofrimento.

Então correu a notícia entre os santos dos últimos dias da Holanda de que o Presidente Joseph F. Smith viria visitá-los. John ficou pensando nisso por uma porção de tempo e depois falou para a mãe:

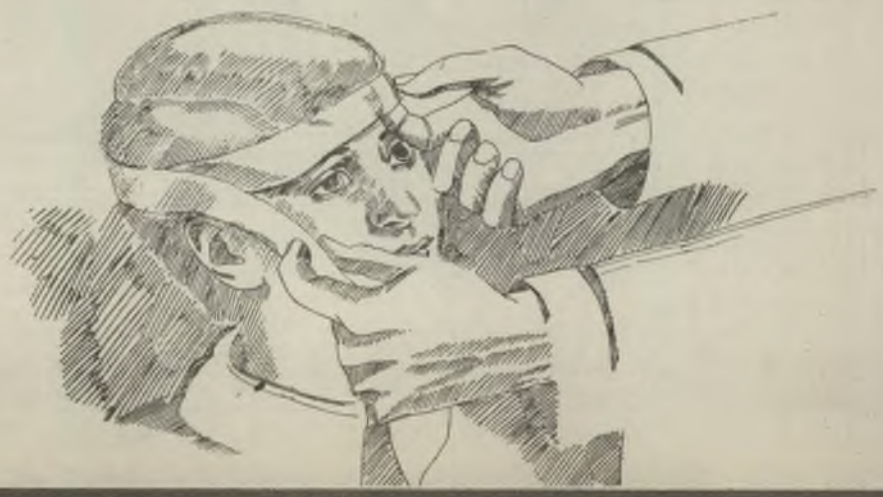
— Não existe na terra ninguém com maior poder do que o profeta. Se a senhora me levar consigo para a reunião, a fim de que ele possa olhar dentro de meus olhos, garanto que serei curado.

Ao final da reunião do domingo seguinte, o Presidente Smith foi para os fundos da pequena capela, a fim de cumprimentar todos os presentes. A Irmã Roothoof ajudou John, que trazia os olhos vendados por ataduras, a dirigir-se junto com os demais para falar com seu querido líder.

O Presidente Smith, tomando o menino cego pela mão, retirou ternamente as ataduras e olhou dentro daqueles olhos cheios de dor. O profeta abençoou John, prometendo-lhe que voltaria a enxergar.

Chegando em casa, a mãe tirou as ataduras dos olhos de John, a fim de banhá-los, conforme a prescrição dos médicos. Ao fazê-lo, John gritou de alegria:

— Mamãe, meus olhos estão bons! Posso ver claramente — mesmo até bem longe! E não sinto mais nem um pouco de dor!



As Placas De Ouro

Margaret C. Richards e Carol C. Madsen

O **hino "As Placas de Ouro"** significará mais para você, caso se lembrar da história de que fala. Será divertido para sua família fazer o teste, e depois cantarem todos juntos durante uma reunião familiar.

As Placas de Ouro

Rose Thomas Graham — J. Spencer Cornwall

1. As pla - cas de ou - ro Deus o - cul - tou por mui - tos sé - cu - los A - té que um jo - vem bom e pu - ro fé ne - le de - mons - trou.

2. Re - gis - tro fei - to por Né - fi, um ho - mem bom de Deus E ho - je no Li - vro de Mór - mon le - mos os fei - tos seus.

Eis um teste divertido para se aprender mais a respeito das placas de ouro. Casem os itens da primeira coluna com os da segunda, por meio de traços entre os correspondentes.

1. Lugar onde Joseph Smith recebeu as placas de ouro.	a. O Livro de Mórmon.
2. Data em que Joseph Smith recebeu as placas.	b. Oliver Cowdery.
3. O profeta antigo que enterrou as placas.	c. 1829.
4. A história dos nefitas e lamanitas foi registrada em...	d. 21 de setembro de 1823.
5. Nome de um grande profeta do Livro de Mórmon.	e. Monte Cumorah.
6. Quando as placas foram enterradas?	f. Morôni.
7. Quando foi publicado o Livro de Mórmon?	g. Placas de ouro.
8. Data em que o Anjo Moroni visitou Joseph Smith pela primeira vez.	h. Néfi.
9. Depois de traduzidas, que nome tomaram as placas de ouro? (Por quê?)	i. 22 de setembro de 1827.
10. Enquanto traduzida as placas, quem foi o escrevente de Joseph Smith?	j. 400 A.D.

Solução: (1)e; (2)i; (3)f; (4)g; (5)h; (6)j; (7)c; (8)d; (9)a; (10)b.

Um Apóstolo Fala Às Criança

Élder Marvin J. Ashton

Tenho certeza de que nosso Pai Celestial fica aborrecido, quando nos referimos a nós mesmos como "ninguém". Até que ponto estamos sendo justos, quando nos classificamos como ninguém? Até que ponto estamos sendo justos com nossa família? Até que ponto estamos sendo justos com nosso Deus?

Estamos cometendo grave injustiça, quando nos permitimos pensar assim de nós mesmos, por causa de alguma tragédia, infortúnio, desafio, desânimo ou seja lá o que for. Não importa como e onde estejamos, não temos justificativa alguma para considerarmo-nos um ninguém.

Como filhos de Deus, nós somos alguém. Ele nos edificará, moldará e magnificará — basta que mantenhamos a cabeça erguida, os braços estendidos e caminhemos com ele.

Que sublime bênção sermos criados à sua imagem e conhecermos nosso verdadeiro potencial por meio dele! Que sublime bênção saber que, através da sua força, podemos fazer todas as coisas!

É doloroso ver-se gente jovem, quando em dificuldades, recusar a ajuda oferecida com um: "Que importa? Não sou ninguém". Lembrem-se sempre, embora sendo um rapaz, garota ou mulher modesta, você não é um "ninguém".

Afirmo, com todo o vigor que possuo, que nós temos um Pai Celestial que reclama e ama todos nós. Vocês são seus filhos, e ele ama VOCÊS!

A Lição De Vovó

De Um Amigo Para Outro

Élder Theodore M. Burton
Assistente do Conselho dos Doze

Quando eu tinha cinco anos, mamãe me levou a passar a noite na casa da vovó. Vovó morava num sítio, e eu adorava ficar brincando ao ar livre. Mas, dessa vez, vovó avisou:

— Cuidado com aquela galinha vermelha com pintinhos. Não chegue muito perto, pois, do contrário, poderá pensar que você quer mexer nos seus filhos.

— Eu não vou, não, vovó, — prometi. — Vou tomar muito cuidado.

Mas, quando vi a mamãe galinha com seus pintainhos amarelos, esque-

ci-me do prometido. Eles pareciam tão macios e fofinhos, que me abaixei e estendi a mão, procurando tocar um deles. O pintainho se pôs a piar assustado e fugiu de mim. Mamãe galinha chegou batendo as asas e atacou-me a mão com bicadas, até que corri chorando para junto de minha avó.

Vovó tomou-me nos braços até eu parar o choro. Quando fiquei em condições de falar, perguntou o que acontecera.

— Eu só queria ver se o pintainho era mesmo tão macio como parecia, — expliquei. — Eu não ia machucá-lo; só queria pegar nele. Então aquela boba da galinha me bicou!

— Mas como a mamãe galinha iria saber que você não queria machucar seus filhinhos? — indagou vovó. — Você é muito maior do que ela, e ela não queria deixar que ninguém fizesse mal aos seus pintainhos. É por isso que ela bicou você — para fazê-lo ir embora.

Então mandou-me brincar lá fora outra vez, mas que ficasse longe da mamãe galinha e seus filhotes. Depois, avisou mais uma coisa:

— E também não chegue muito perto da mãe gansa. Ela também tem filhotes e é bem maior que a galinha. Se você tentar pegar um dos gansinhos, ela pode machucar você de verdade.

— Eu não vou tocar neles, — prometi.

Voltando lá para fora, fiquei longe da mamãe galinha. Porém, não demorei a ver a mãe gansa com a fila de gansinhos seguindo atrás. Como não dava para ver direito, cheguei mais perto para enxergar melhor.

Quando me aproximei para ver, a mãe gansa abriu suas longas asas, estendeu o pescoço, escancarou o bico, silvando para mim. Fiquei tão assustado, que voltei correndo para dentro de casa e contei à vovó o que aconteceu.

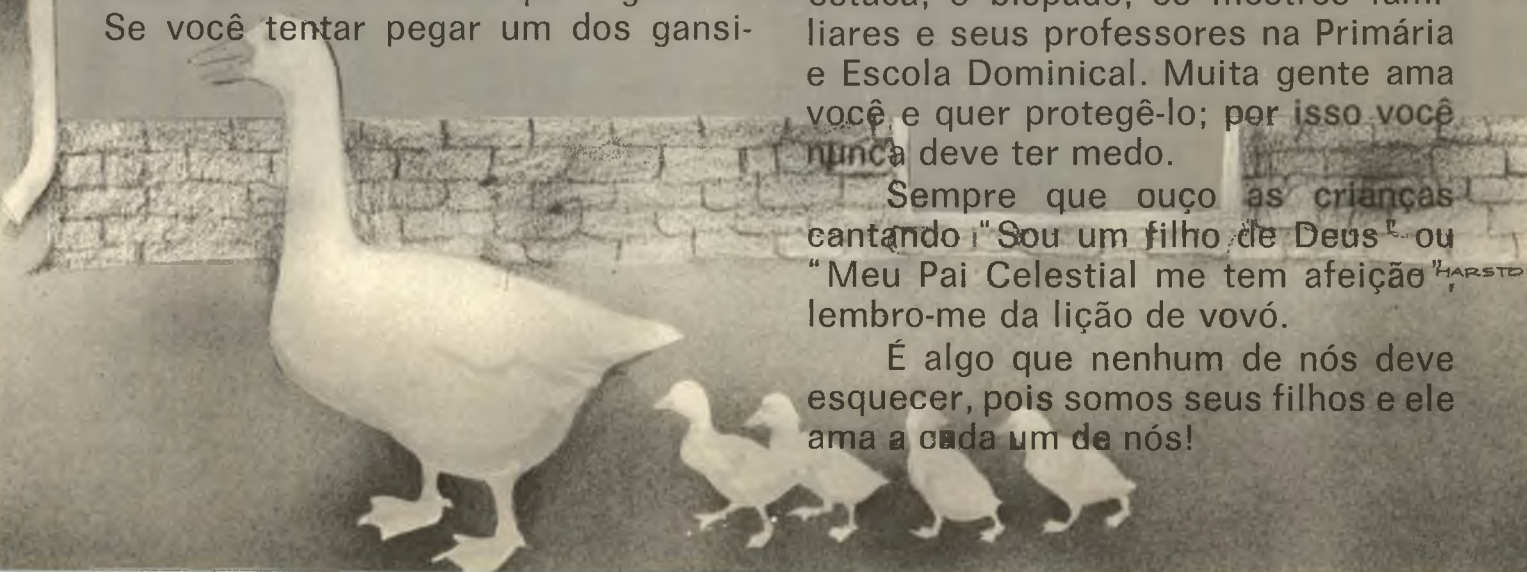
— Os pais amam seus filhos, — disse vovó, — e querem protegê-los de todo perigo. Era isso que a mamãe galinha e a mãe gansa procuraram fazer.

Depois, vovó ensinou-me uma coisa de muito valor.

— Não é só seu pai, mãe e parentes que amam você e querem protegê-lo, — disse-me. — Também nosso Pai Celestial o ama. Ele pôs um profeta aqui na terra para cuidar de nós. Esse profeta tem muitos ajudantes, como por exemplo, a presidência da estaca, o bispado, os mestres familiares e seus professores na Primária e Escola Dominical. Muita gente ama você e quer protegê-lo; por isso você nunca deve ter medo.

Sempre que ouço as crianças cantando "Sou um filho de Deus" ou "Meu Pai Celestial me tem afeição", lembro-me da lição de vovó.

É algo que nenhum de nós deve esquecer, pois somos seus filhos e ele ama a cada um de nós!



professores

Onde Lisa Aprende

Mary Ellen Jolley

Esta é . E esta é a onde assiste à Escola Dominical e Primária. Esta é a que dá entrada para a onde assiste à Escola Dominical. Este é o que diz: — Bom dia, ao lado da de entrada da onde assiste à Escola Dominical. Estes são os que foram chamados para ajudar o que diz: — Bom dia!, ao lado da de entrada da onde assiste à Escola Dominical. Estes são os alegres que vão com aprender dos que foram chamados para ajudar o que diz: Bom dia! ao lado da de entrada da onde assiste à Escola Dominical.

Jornadas E Acontecimentos Da Vida De Abraão

1 **Os Anos de Mocidade**
,Por causa da sua fé e certeza, a vida de Abrão foi salva da morte sacrificial nas mãos dos sacerdotes idólatras em Ur, sua terra natal, pela interferência de um mensageiro divino. O país foi atingido pela fome, resultando na morte de seu irmão Harã. Abrão desposou Saraí, filha de Harã. (Gên. 11:26, 28-29; Abraão 1:1-20; 2:1-2)

2. **Jornada para Harã**
Abrão e sua família fundaram uma vila a que deram o nome de seu irmão, Harã. Terá, seu pai, que havia aceito o Evangelho, voltou a adorar os antigos ídolos. (Gên. 11:31; Abr. 2:4-5)

3. **Jornada para a "Terra da Promissão"**
Foram até SEQUÉM e depois prosseguiram para as planícies de Moré, entre BETEL (onde o Senhor apareceu a Abrão) e AI. (Gên. 12:1, 5-6, 8; Abr. 2:6, 14-20)

4. **Continuação da Jornada Até o Egito**
A fome forçou-os a se transferirem temporariamente para o Egito. Abrão recebeu ordem de dizer aos egípcios que Saraí, sua mulher, era sua "irmã" (segundo costume hebreu, a maneira certa de se referir à sobrinha) (Gên. 12:9-12; Abr. 2:21-25)

5. **Retorno para a Terra de Canaã**
Primeiro Abrão se fixou em sua antiga moradia perto de Betei. A prosperidade tornou necessária a separação dos rebanhos de Abrão e de seu sobrinho Ló. Abrão foi para o sul, estabelecendo-se em HEBROM. Ló permaneceu na planície do Jordão, estendendo-se até o vale de SIDIM e as cidades ali existentes. (Gên. 13:1-12, 18)

6. **Invasão dos Reis do Norte**
Os reis das planícies da Mesopotâmia uniram-se, invadindo as terras a leste de Abrão. (Gên. 14:1-12)

7. **Abrão Liberta Ló**
Abrão organizou uma tropa para libertar Ló que havia sido aprisionado durante a invasão. Os despojos foram devolvidos por Abrão ao povo do vale de SIDIM, perto de Salém no vale de Savé. (Gên. 14:13-17, 21-24)

8. **A Permanência de Abrão em Hebrom**
O Senhor reafirma suas promessas a Abrão e descreve a terra que lhe prometera. (Gên. 15:1-7, 18; ver também Núm. 34:1-12 e Deut. 1:7, quanto à localização) É introduzido o convênio da circuncisão e novamente acentuado o convênio do batismo. O nome de Abrão é mudado para Abraão (que quer dizer pai da multidão) e o de Saraí para Sara (isto é, princesa) (Gên. 17:1-16; ver também Gên. 17:1-12 da Versão Inspirada)

9. **Andanças de Abraão na "Terra do Sul"**
Abrão habitou por certo tempo como forasteiro na região entre CADES e SUR, na terra de GERAR.
A experiência com Abimeleque, o rei, é semelhante a da sua visita anterior ao Egito. (Gên. 20) Isaque, o filho primogênito, nasceu ali, quando Abraão estava com 100 e Sara com 90 anos. (Gên. 21:2-3, 5; 17:17) Hagar e Ismael foram separados da família de Abraão, a fim de não prejudicarem o direito de primogenitura de Isaque. Passaram a viver a certa distância, no DESERTO DE PARÃ. (Gên. 21:9-21)
Abraão se muda para perto de BERSEBA e faz aliança com o Rei Abimeleque, soberano daquela área, pelos direitos de permanecer na terra dos filisteus. (Gên. 21:31-34)

10. **A Prova de Obediência e Fé**
Na montanha, em Moriá (em SALÉM OU JERUSALÉM), Abraão e Isaque experimentaram a semelhança da futura expiação de Cristo. (Gên. 22; ver também Jacó 4:5 e II Cron. 3:1 para localização)

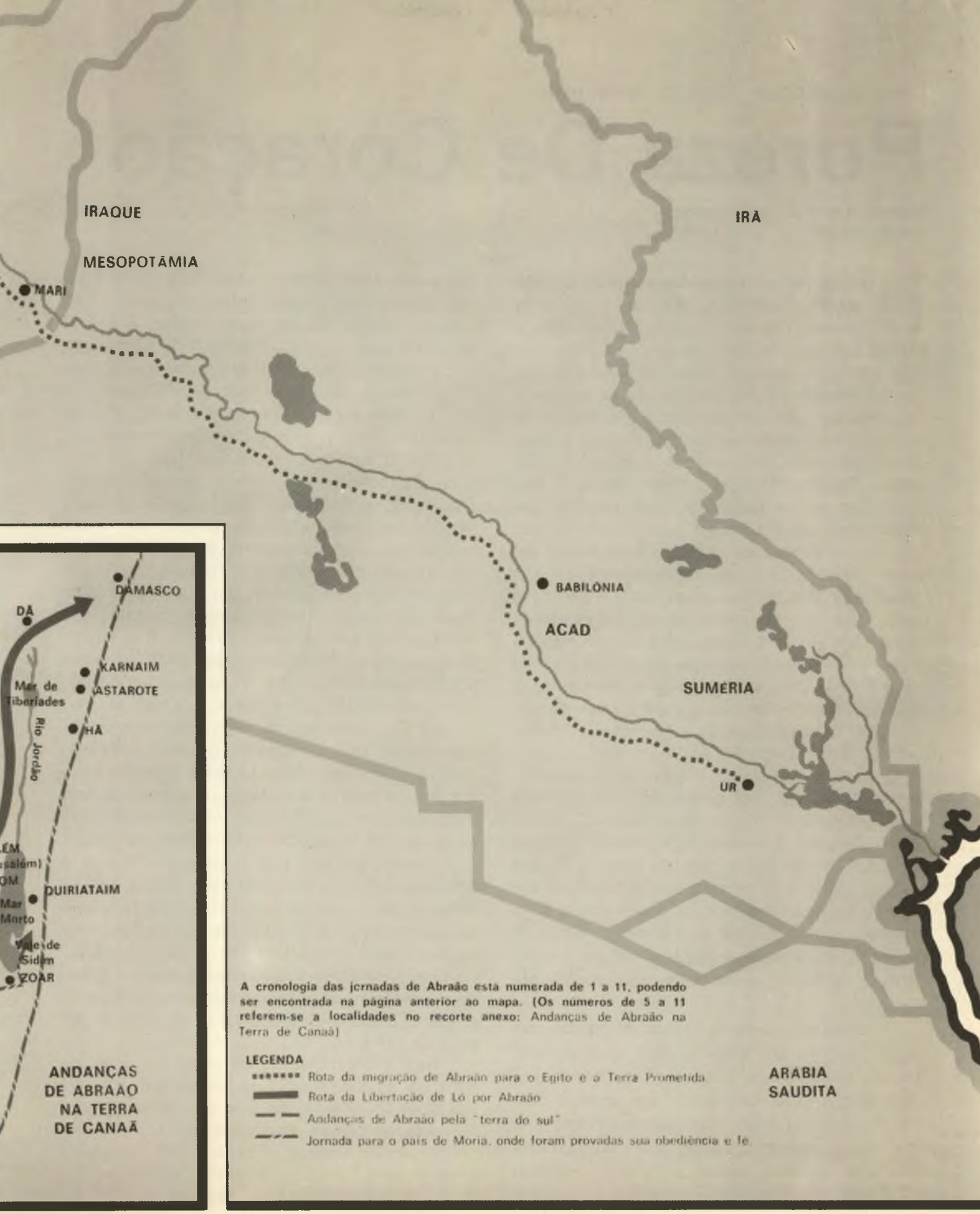
11. **Abraão Continua a Habitar em Berseba**
Abraão demorou-se em Berseba e, quando da morte de Sara (aos 127 anos), comprou a cova de Macpela em HEBROM, para sepultá-la ali. Trinta e oito anos mais tarde, ele foi sepultado ao lado dela. (Gên. 23:1-2, 9, 17-20; 25:7-10)

A cronologia das jornadas de Abraão é numerada de 1 a 11. (Os números de 5 a 11 estão localizados no recorte anexo).

Jornadas E Acontecimentos Da Vida De Abraão

Abraão viveu como forasteiro na terra que lhe fora prometida. Contudo, longos períodos de fome obrigaram-no a se afastar de lá, a fim de alimentar seus rebanhos. E ainda que nunca houvesse tomado posse daquela terra, ele tinha a promessa e conhecimento de que, um dia, pertenceria à sua semente. (Gên. 13:2,5; Hebr. 11:8-16)

Resumo e mapas preparados por Edward J. Brandt, Instituto de Religião de Salt Lake (Universidade de Utah)


IRAQUE
MESOPOTÂMIA
MARI
IRÃ
BABILÔNIA
ACAD
SUMÉRIA
UR
ARÁBIA SAUDITA
DAMASCO
DÃ
KARNAIM
ASTAROTE
Mar de Tiberíades
HÃ
Rio Jordão
DUIRIATAIM
Mar Morto
Vale de Sidim
ZOAR
ANDANÇAS DE ABRAÃO NA TERRA DE CANAÃ
A cronologia das jornadas de Abraão está numerada de 1 a 11, podendo ser encontrada na página anterior ao mapa. (Os números de 5 a 11 referem-se a localidades no recorte anexo: Andanças de Abraão na Terra de Canaã)
LEGENDA
Rota da migração de Abraão para o Egito e a Terra Prometida
Rota da Libertação de Ló por Abraão
Andanças de Abraão pela "terra do sul"
Jornada para o país de Moria, onde foram provadas sua obediência e fé.

Uma Mensagem para a Juventude

Pureza De Coração

Bispo Vaughn J. Featherstone
Segundo Conselheiro no Bispado Presidente

Dizia o poeta inglês Lord Byron Buckingham: "Faze meu coração transparente como o puro cristal, para que o mundo invejoso veja o pensamento mais sórdido que meu coração possa ter." Esta é uma grande filosofia. Todo membro da Igreja deveria viver de maneira tal, que esse estado de espírito fosse realidade. Vocês, jovens, podem porfiar para que seu coração seja puro como cristal. Quando fizerem assim, certas coisas ficam fora de cogitação. É impossível ter um pensamento impróprio ou sujo. Desta forma, haverá uma certa reação física e espiritual em nosso íntimo. Tais pensamentos tendem a obscurecer Deus; eles enevoam, a princípio quase sem percebermos, nosso transparente eu interior. Ao serem repetidos, o enevoamento se intensifica, e logo seremos incapazes de ver o mundo em sua forma pura. Perdemos a capacidade de julgar, de ver as coisas de sua verdadeira perspectiva, e acabamos enredados nas malhas de Satanás.

Ser puro de coração é uma qualidade altamente desejável. Os puros de coração têm muito mais vigor. É um vigor palpável, físico. De **Sir Galahad,** o mais puro dos cavaleiros do Rei Artur, dizia-se que possuía a força de dez homens, porque tinha um coração casto. A pureza de coração também produz força e integridade mental. Nesta época de conflitos e concessões mentais, a pessoa íntegra e pura se destaca como um gigante num mundo de pigmeus.

Existe ainda outra dimensão de pureza que parece extinta em nossos dias. É o recato. Poucas almas sobre a terra compreendem o verdadeiro sentido do recato. Em recente conversa, perguntei a um dos grandes líderes no reino o que lhe causara mais impressão no Presidente J. Reuben Clark Jr. Vocês ficariam surpresos com a resposta. Não foi a inigualável sabedoria ou seu intelecto brilhante. Não foi sua grande estatura espiritual. Não foi a alta estima que gozava entre os grandes líderes do mundo. Foi seu total recato. A par de todos os seus outros grandes dons de caráter, o Presidente J. Reuben Clark possuía uma qualidade de recato muito rara num homem. Era tão recatado no pensar como no vestir. O mais leve desvio do padrão de pureza era-lhe uma afronta. O recato é necessário para quem é puro de coração. Em um de seus excelentes discursos, o Presidente Clark falava da crucificação do Salvador, e podemos ter um vislumbre de seu recato ao descrever a cena:

"Tendo em mente o recato de que estou certo ele possuía, recordando a experiência de Pedro às margens do lago, quão ofensivo não lhe deve ter sido quando o despiram e, havendo deitado a cruz no chão, estenderam-no sobre ela com os ombros no travessão, um tarugo sobressaindo da viga vertical em que ele pôs os pés para sustentar o corpo. Primeiro, pregaram-lhe as mãos e depois os pés; a seguir, como próximo passo nessa mais cruel das mortes conhecidas dos antigos, ergueram a cruz e deixaram-na cair na cova aberta para firmá-la, causando ao crucificado terrível agonia."

Muitos de nós nos preocupamos com o sofrimento físico suportado por Jesus. O Presidente Clark não só sofria fisicamente com o Salvador devido à sua grande compaixão, mas também sentia vicariamente a agonizante experiência de alguém tão recatado ver-se publicamente desnudo. Abrigar tais sentimentos de empatia como o Presidente Clark, requer pureza de coração.

Roy Welker, autor de manuais para os quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque, foi interrogado acerca de sua convivência com autoridades gerais. Perguntaram-lhe:

— Irmão Welker, o senhor tem convivido estreitamente com os Irmãos. Qual deles lhe causou mais profunda impressão?

Ele ponderou a questão por um momento,

e depois disse:

— Naturalmente todos os Irmãos são maravilhosos, porém o Élder... me impressiona mais, porque tem uma pureza de coração excepcional para alguém tão moço.

Que maravilhoso tributo! Tomara esse mesmo comentário pudesse ser aplicado a todos nós.

Paulo falou: "Todas as coisas são puras para os puros." (Tito 1:15) A pureza denota ausência de substância estranha. Os indivíduos de mente e coração puros removeram de suas vidas pensamentos e paixões estranhas. Este deverá ser o objetivo de todos nós, sem exceção.

Para tornar-se puro de coração, é preciso fazer certas coisas. O Senhor deu-nos a receita no Sermão da Montanha. Seguindo seus ensinamentos, encontraremos o caminho que nos conduz ao nosso objetivo. Disse ele: "Sim, bem-aventurados são os pobres em espírito **que vêm a mim,** pois deles é o reino dos céus." (3 Néfi 12:3) O Livro de Mórmon esclarece melhor essa afirmação, com as palavras adicionais "que vêm a mim". Pobres de espírito são aqueles que finalmente chegaram à conclusão de que Cristo é a sua única esperança. "Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados." (Mat. 5:4) Até que soframos e atravessemos nosso próprio Getsêmani, não passaremos pelo processo refinador que nos purifica.

"Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra." (Vers. 5) Temos que ser absolutamente acessíveis a todas as coisas que elevam e exaltam a alma.

"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos" ou "cheios do Espírito Santo". (Vers. 6, com acréscimo esclarecedor do Livro de Mórmon, 3 Néfi 12:6). O Espírito Santo virá e habitará conosco, somente se formos dignos de sua companhia. Quando o consolador habita conosco, recebemos impressões e diretrizes que, se obedecidas, nos levarão à pureza de coração.

"Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia." (Vers. 7) Em seu discurso na conferência de outubro de 1946, dizia o Presidente Harold B. Lee:

"Sei que existem poderes que podem acercar-se de quem enche seu coração de amor... Houve uma noite, anos atrás, em que, deitado em minha cama, cheguei à conclusão de que, para ser digno do elevado cargo para o qual fora chamado, eu tinha de amar e perdoar a toda alma que habita na terra, e naquela hora, vim a conhecer e obtive paz e diretriz, conforto e inspiração que me fizeram ver coisas futuras e deram-me impressões que eu sabia serem de fonte divina." **(Conference Report,** Outubro de 1946, p. 146)

A pessoa pura de coração tornar-se-á semelhante a Cristo, assim como o Presidente Lee. Como ter um pensamento impróprio? Como mexericar ou criticar, se temos o puro amor de Cristo? Como ousar esquecer o recato no vestir ou pensar? Como ousar fazer menos do que fez nosso profeta? Temos de amar e perdoar a toda alma que habita na terra. Esta é a divina qualidade de ser misericordioso. E para aqueles que vivem segundo o modelo acima, disse o Senhor: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus." (Vers. 8)

Meus maravilhosos jovens amigos, o caminho é estreito e apertado, e poucos são os que o encontram; mas vocês têm-no bem aberto diante de si. Seguindo o Mestre, sua alma se deliciará com os frutos de seus labores. Verão que tudo aquilo que o mundo tem para oferecer é um simulacro, comparado às verdades do Evangelho. Empenhem-se de todo o coração e alma para serem puros de coração, a fim de que possam ser dignos de ver a Deus e de viver com ele e seus familiares para todo o sempre.

Perguntas E Respostas

"O que era a Arca da Aliança, e ainda existe de alguma forma hoje em dia?"

Resposta/Brandt

Pouco após terem os filhos de Israel sido libertados do Egito, foi ordenado a Moisés que preparasse um tabernáculo — um templo portátil — para seu uso até se estabelecerem na terra prometida. (D&C 124.38) Em conseqüência da infidelidade do povo, foi-lhes tirada a plenitude do Sacerdócio e suas ordenanças, estabelecendo-se entre eles uma ordem menor do Sacerdócio. (D&C84:17-27) tabernáculo foi então adotado como o santuário para realização das ordenanças desse Sacerdócio menor. Sua planta e mobília foram reveladas por Deus; uma vez pronto, foi dedicado ao serviço do Senhor. Dali em diante, esse edifício portátil era transportado e cuidado somente pelo Sacerdócio autorizado em Israel.

A peça mais importante da mobília do tabernácul era a Arca da Aliança, mencionada nas Escrituras também por outros nomes — Arca do Testemunho, Arca do Senhor, e Arca do Convênio do Senhor. Era um baú de madeira de acácia (cetim) recoberto de ouro, medindo aproximadamente 1,20 m × 0,75 m × 0,75 m. Os cantos eram guarnecidos de argolas de ouro para enfiar varas igualmente revestidas de ouro, pelas quais era carregado. Completando a arca, havia uma cobertura (chamada 'propiciatório') com dois querubins em suas extremidades, um de frente para o outro. (Êx. 25:10-22) Dentro da arca, ficavam guardadas as segundas tábuas de pedra, contendo os Dez Mandamentos. (Êx. 25:16; Deut. 10:1-5, Versão Inspirada) De tempos em tempos, ali se guardavam também outros documentos sagrados. (Hebr. 9:4-5; I Reis 8:19)

A arca ficava no compartimento mais sagrado do tabernáculo — o Santíssimo, como um contínuo lembrete da expiação a ser oferecida por Jesus Cristo. As mais altas ordenanças da antiga Israel sob a lei mosaica requeriam que o sumo-sacerdote, dos levitas entrasse anualmente no lugar santíssimo para efetuar, simbolicamente, a expiação em favor do Sacerdócio, que, por sua vez, representava o povo. O propiciatório, como cobertura da arca, simbolizava a própria expiação, que é uma cobertura dos pecados do penitente. Além disso, a cobertura era o local em que Deus apareceria para dirigir e estar com Israel, de onde se mostraria ou falaria a seus representantes dentro do lugar santíssimo. (Êx. 25:22; Lev. 16:2; Núm. 7:89) Como a presença de Deus é velada ao homem mortal, a arca, símbolo da presença de Deus, era velada quando fora do tabernáculo. Carregavam-na adiante do povo, em jornada ou guerra, como emblema da direção de Israel por Deus. Para a antiga Israel, a Arca da Aliança significava o emblema do poder. misericórdia e direção de Deus para seu povo eleito.

A arca foi transportada do Sinai até a terra prometida. A travessia milagrosa do Rio Jordão (Jos. 3:3-17) e a queda da cidade de Jericó (Jos. 6:1-21) evidenciam a importância da arca do Senhor para os israelitas. Chegando à terra prometida, a arca ficou depositada em vários lugares até ser construído seu local definitivo, o templo. Durante o governo dos juízes, a arca estava na cidade de Betei. (Juízes 20:27) Enquanto Samuel foi o profeta e até a guerra contra os filisteus, ela esteve localizada em Silo (I Sam. 1:9, 3:3); durante essa guerra, foi levada para o campo de batalha denominado Ebenézer, onde foi capturada pelos filisteus. Por sete meses, estes foram afligidos e severamente castigados por causa da posse ilegal da arca. Isto os levou a devolvê-la aos Israelitas, o que ocorreu na vila

de Quiriate-Jearim (I Samuel 4-6) Ali ficou por uns vinte anos, ignorada pelo Rei Saul, exceto uma vez, quando foi requisitada para uma batalha. Finalmente, o Rei Davi levou a arca para Jerusalém, e anos depois, seu filho Salomão construiu o tão esperado templo.

Durante os anos de guerra e conflitos que ocorreram depois, a Arca da Aliança permaneceu no Reino de Judá, entre o povo de Israel. A última menção a ela ocorreu durante os dias de reforma do templo no reinado de Josias. Dali por diante, as Escrituras silenciam quanto à sua localização e existência. Josephus, o historiador judeu, afirma que o Templo de Herodes em Jerusalém, na época de Cristo, não continha a arca. (Josephus, a Guerra Judaica, Livro V, v. 5) Reza a tradição judaica que, ou foi destruída juntamente com o templo por Nabucodonosor, quando da sua conquista de Judá, ou que, antes da destruição do templo, Jeremias, o profeta, ocultou-a no monte do qual, séculos antes, Moisés avistara a terra prometida (Monte Nebo), onde deveria permanecer até Deus reunir novamente o seu povo. Seu destino ou mesmo a possibilidade de sua existência atual não foram revelados. Os santos dos últimos dias, entretanto, reconhecem a arca como um memorial da expiação de Jesus Cristo.

O caso de Uza, que ajudava os homens de Israel a transportar a arca para Jerusalém, ilustra um ensinamento importante para os santos dos últimos dias. O Senhor havia determinado que ela devia ser carregada sempre pelas varas e unicamente por pessoas devidamente autorizadas. Os representantes escolhidos de toda Israel foram reunidos como escolta, cabendo a Uza e seu irmão a responsabilidade pelo carro. A caminho da cidade, um dos bois tropeçou, fazendo balançar a arca. Uza estendeu a mão para firmá-la, sendo ferido pelo Senhor. A arca representava a direção do Senhor para Israel e a sua presença entre eles, o que procuravam ignorar. O desrespeito à ordem estabelecida do Senhor trouxe julgamento sobre Israel e Uza.

Em nossos tempos, temos sido advertidos da condenação e julgamentos que sobrevirão àqueles que tentam pôr "a mão à arca de Deus" — àqueles que se arrogam o direito de dirigir o reino de Deus ou qualquer de suas partes. (D&C 85:8-9) Falando a respeito da direção da Igreja em condições e tempos difíceis e turbulentos, disse o Profeta Joseph Smith: "... os homens não podem firmar a arca — meu braço tampouco — é Deus que tem de firmá-la." **(Documentary History of the Church,** vol 5, p. 20)

Exame do papel de um profeta

O Que É Um Profeta Vivo?

Presidente A. Theodore Tuttle
do Primeiro Conselho dos Setenta

O **Senhor concluiu a seção 1 de Doutrina e Convênios** com estas palavras: "O que eu, o Senhor, falei, disse e não me escuso; e ainda que passem os céus e a terra, a minha palavra não passará, mas será inteiramente cumprida, seja pela minha própria voz, ou pela de meus servos, não importa." (D&C 1:38)

Acabamos de ouvir a voz do seu servo, e é como se fora a do próprio Senhor! O Presidente Lee fez o mesmo que todos os profetas de todos os tempos. Testificou que Deus, nosso Pai, vive; que Jesus Cristo é o nosso Salvador e Redentor, o cabeça desta igreja. Testificou que Joseph Smith foi o profeta da restauração. Assim como todos os profetas antes dele, declarou que o caminho para a paz só pode ser encontrado no Evangelho de Jesus Cristo; que unicamente pela guarda dos mandamentos de Deus, conforme são revelados através dos profetas vivos, poderemos encontrar a vida eterna.

O que é um profeta vivo? Sua idade? Ele pode ser moço ou velho. Não precisa usar túnica ou carregar um bordão de pastor. Seus traços físicos não importam. Um profeta não precisa ter diploma de estudos avançados, nem provir de qualquer classe social privilegiada. Pode ser rico ou pobre. Não necessita de credenciais humanas.

"É muito fácil a gente crer nos profetas falecidos... Nossa salvação depende de crermos num profeta vivo e seguirmos a sua palavra."

O que, então, qualifica um homem para ser profeta?

Acima de tudo, deve ter sido escolhido por Deus para seu profeta! Isto é frontalmente oposto a Deus ser escolhido pelo homem. Falando a seus apóstolos, disse o Salvador: "Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei para que vades e deis fruto..." (João 15:16)

"Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos, por quem possua autoridade para pregar o Evangelho e administrar as suas ordenanças." (5.ª Regra de Fé)

Um profeta, portanto, é o representante autorizado do Senhor. Mesmo que não seja reconhecido como tal pelo mundo, o requisito importante é que Deus fale por intermédio dele. O profeta é um mestre; ele recebe revelações do Senhor. Estas podem ser verdades novas ou explanações de verdades já conhecidas.

É muito fácil crermos nos profetas falecidos. Muita gente crê, por alguma razão misteriosa, que eles estão cercados por uma aura de credibilidade. O mesmo não acontece com o profeta que vive em nosso meio, que é obrigado a enfrentar os desafios cotidianos da vida. Porém, é uma grande coisa crer nos profetas vivos. Nossa salvação depende de crermos num profeta vivo e seguirmos a sua palavra. Somente ele tem direito à revelação para toda a Igreja. Suas palavras devem ser estimadas e acatadas pela Igreja e pelo mundo, acima das de qualquer outro homem. Um dia, esta verdade há de ser entendida.

Disse alguém: "A pessoa não está realmente convertida, até que veja o poder de Deus pousando soore os líderes desta igreja, e até que isto caia em seu coração como fogo."

Alguns talvez se admirem que tal poder e autoridade sejam investidos em um homem, e indagam:

— Não poderia ele desviar-nos?

O Presidente Wilford Woodruff disse certa vez: "Eu digo a Israel, o Senhor jamais permitirá que eu ou qualquer outro homem que ocupe a presidência da Igreja vos desvie do caminho. Isto não está nos planos. Não é o pensamento de Deus. Se eu o tentasse, o Senhor me afastaria do meu lugar, e o mesmo fará com qualquer outro homem que tente desviar os filhos dos homens dos oráculos de Deus e do seu dever." **(Discourses de Wilford Woodruff** [Bookcraft, 1946] pp. 212-13)

Disse o Presidente Henry D. Moyle: "Quanto mais velho fico e mais íntimo meu contato com o presidente da Igreja, melhor compreendo que a maior de todas as Escrituras que temos no mundo hoje são as atuais. O que o porta-voz de Deus fala aos seus filhos é Escritura. É a palavra, vontade e a lei de Deus manifestadas por escrito e lhes tenho mais amor do que a todo resto." (Serão de três estacas da BYU, em janeiro de 1963)

O Senhor fez esta promessa aos seus servos: "E tudo que falarem, quando sob a inspiração do Espírito Santo, será Escritura, será a vontade do Senhor, será a mente do Senhor, será a palavra do Senhor, será a voz do Senhor e o poder de Deus para a salvação." (D&C 68:4)

O Presidente John Taylor falou: "Necessitamos de uma árvore viva

— uma fonte viva — uma inteligência viva, procedente do Sacerdócio vivo dos céus, através do Sacerdócio vivo na terra... E desde o tempo em que Adão recebeu o primeiro comunicado de Deus, ao tempo em que João, na ilha de Patmos, recebeu a sua comunicação, ou em que os céus se abriram a Joseph Smith, sempre houve necessidade de **novas revelações** adaptadas às circunstâncias peculiares em que se achavam as igrejas e indivíduos. A revelação de Adão não ensinou Noé a construir a sua arca; tampouco a revelação de Noé mandou Lot abandonar Sodoma; e nenhuma delas falou da partida dos filhos de Israel do Egito. Todos eles tiveram revelações próprias, assim como Isaías, Jeremias, Ezequiel, Jesus, Pedro, Paulo, João e Joseph, e nós igualmente, senão naufragaremos." (**The Gospel Kingdom** [Deseret Book Co., 1944] p. 34)

Eis o que disse Orson Pratt: "No exato momento em que rejeitamos os oráculos vivos, estamos rejeitando as revelações de Deus. Por quê? Porque as revelações de Deus nos ordenam claramente que escutemos os oráculos vivos. Por conseguinte, se nos dispusermos a seguir a palavra escrita e ao mesmo tempo ignorarmos os oráculos vivos de Deus, a palavra escrita nos condenará..." (**Journal of Discourses,** vol. 7, p. 373)

É um direito e responsabilidade dos profetas o aconselhar os santos.

Disse o Presidente Wilford Woodruff: "Nós, como povo, não deveríamos encarar levianamente esses conselhos, pois digo-vos em nome do Senhor — e venho-o observando desde quando me tornei membro desta igreja — que homem algum que decide contrariar o conselho do líder legalmente autorizado deste povo, jamais prospera... vós vereis que todas as pessoas que se opõem a esse conselho jamais prosperarão...

"... Temos sido governados por conselho em lugar de mandamento em muitas coisas, o que vem sendo uma bênção para os santos..." (**JD,** vol. 14, pp. 33, 36)

O Presidente Stephen L. Richards comenta a respeito de conselhos: "... um momento de reflexão vos convencerá da alta estima em que temos o conselho. Embora seja verdade caracterizarmos a infração da lei como pecado, e não aplicarmos a mesma terminologia drástica ao não atendimento de um conselho, ainda assim, na Igreja, sob o Sacerdócio, o conselho é dado sempre para o propósito primordial de observância da lei, de modo a ocupar uma posição e importância praticamente comparável àquela lei do Evangelho." (**Discursos na BYU,** 26 de fevereiro de 1957).

O Presidente J. Reuben Clark Jr. localizou precisamente as necessidades hodiernas: "O que necessitamos hoje não é de mais profetas. Os profetas nós temos. Mas o que nos falta é mais gente com ouvidos atentos. Esta é a grande carência de nossa geração.

"Há quem insista que, a menos que o Profeta do Senhor declare: 'Assim diz o Senhor', a mensagem não precisa ser aceita como revelação. Este é um falso padrão de prova. Pois, embora várias das revelações modernas, conforme constam de Doutrina e Convênios, contenham tais dizeres, existem muitas outras que não." (**Church News,** 31 de julho de 1954)

O Presidente Marion G. Romney esclareceu a responsabilidade dos que ouvem o testemunho de um servo de Deus:

"Nós que somos suas presentes testemunhas, estamo-nos apenas desincumbindo de nossa responsabilidade, quando trazemos esses testemunhos dos profetas e os nossos próprios... à vossa atenção.

"Na medida em que os trazemos à vossa atenção, à responsabilidade de determinar a credibilidade da testemunha e seus testemunhos passa de nós para vós. Que nenhum homem subestime a importância da sua decisão concernente a esse assunto." (**Improvement Era,** dezembro de 1967, p. 100)

É, de fato, um privilégio seguir o presidente da Igreja.

Haverá outras autoridades gerais, profetas e apóstolos para nos aconselhar durante esta conferência. Escutemos e ouçamos a voz do Senhor, pois —

"O que eu, o Senhor, falei, disse e não me escuso; e ainda que passem os céus e a terra, a minha palavra não passará, mas será inteiramente cumprida, seja pela minha própria voz, ou pela de meus servos, não importa.

"Pois eis que o Senhor é Deus, e o Espírito testifica, e o testemunho é verdadeiro, e a verdade permanece para todo o sempre." (D&C 1:38-39)

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

1
Sessão matutina de sexta-feira, 6 de abril de 1973.
2. "O requisito importante é que Deus fale por intermédio dele."

Deus faz saber aos seus profetas aquilo que é útil para o tempo deles.

Rocha Da Revelação

Élder Joseph Anderson
Assistente do Conselho dos Dose

Enoque, o sexto depois de Adão, foi certamente um dos grandes profetas de todos os tempos, pois andou e conversou com o Senhor durante trezentos anos, segundo as Escrituras. Imaginai a compreensão que penetrou em sua mente, o engrandecimento de sua alma, e as verdades eternas a ele reveladas pelo Criador da terra e dos céus.

No Livro de Moisés, da Pérola de Grande Valor, podemos ler:

"E vi o Senhor; e ele estava diante de mim, e falou comigo, mesmo como um homem fala com outro face a face; e disse-me: Olha, mostrar-te-ei o mundo pelo espaço de muitas gerações." (Moisés 7:4)

O Senhor mostrou a Enoque todos os habitantes da terra, e contou-lhe todos os feitos dos filhos dos homens. Ele viu a maldade do povo, o dilúvio que cobriu a terra nos dias de Noé. Viu o dia da vinda do Filho do Homem na carne, no meridiano dos tempos; pôde vê-lo sendo pregado na cruz; contemplou a tristeza das criações de Deus e ouviu a terra gemer; e em resposta às suas

indagações e rogos, o Senhor disse a Enoque:

"Como vivo, assim mesmo virei nos últimos dias, nos dias de maldade e vingança, . . . chegará o dia em que a terra descansará, mas antes desse dia, os céus ficarão encobertos, e um véu de trevas cobrirá a terra; e os céus tremerão, assim como a terra; e haverá grandes tribulações entre os filhos dos homens, mas a meu povo preservarei." (Moisés 7:60-61)

Nosso Pai e seu amado Filho conheciam, antes de o homem ser colocado na terra, e antes de ser criado o mundo, a história da existência humana sobre esta terra — o plano de vida aqui e a salvação e exaltação na vida vindoura. As dispensações do tempo foram entendidas, o propósito da vida terrena conhecido, e o desenvolvimento do plano perfeitamente traçado. Do contrário, como poderia o Senhor mostrar a Enoque, como fez a outros profetas também, a história deste mundo, incluindo as famílias que haveriam de habitar a terra através dos séculos de sua existência?

No Livro de Abraão, lemos:

"Ora, o Senhor havia mostrado a mim, Abraão, as inteligências que foram organizadas antes de existir o mundo; e entre todas estas, havia muitas nobres e grandes;

"E Deus viu estas almas que eram boas, e ele ficou no meio delas e disse: A estes farei meus governantes; porque ele estava entre os que eram espíritos, e viu que eram bons; e disse-me: Abraão, tu és um deles; foste escolhido antes de nasceres." (Abraão 3:22-23)

Na Bíblia, no primeiro capítulo de Jeremias, falando a este profeta, o Senhor disse: "Antes que te formas-

se no ventre te conheci, e antes que saísses da madre te santifiquei: às nações te dei por profeta." (Jer. 1:5)

O Senhor não só sabia quem seriam seus governantes, mas indubitavelmente existia um esquema ou esboço mostrando os tempos das diversas dispensações do Evangelho, as coisas que aconteceriam nessas dispensações, e as condições que precederiam tais períodos de tempo.

As Escrituras registram as profecias dos servos de Deus relativas a tais coisas. E desde Adão, por intermédio dos profetas, o Senhor predisse os eventos que precederiam sua segunda vinda, o tempo em que seria restaurado na terra o Evangelho de nosso Senhor e proclamado a toda a humanidade.

Quando Nabucodonosor, rei da Babilônia, conquistou Israel, providenciou que fossem transferidos para lá alguns dos príncipes de Israel; dizem as Escrituras: "Mancebos em quem não houvesse defeito algum, formosos de parecer, e instruídos em toda a sabedoria, sábios em ciência, e entendidos no conhecimento..." (Daniel 1:4) Entre esses princípes levados para a Babilônia, encontra-se o profeta hebreu Daniel.

O livro de Daniel, na Bíblia, conta-nos a respeito de um sonho tido por Nabucodonosor que o deixou sumamente preocupado. Diz o relato que, ao acordar, não conseguiu mais lembrar-se de nada. Mandou então chamar os homens sábios da Babilônia, magos, astrólogos, encantadores e os caldeus, para que lhe recordassem o sonho e lhe dessem sua interpretação. Este, naturalmente, era um pedido inusitado, e deixou os sábios grandemente aflitos, pois eram incapazes de cumprir a exigência do rei.

O rei havia-lhes dito que, a menos que o fizessem saber essas coisas, seriam destruídos. Daniel, percebendo a situação, dirigiu-se ao Senhor e foi inspirado por ele a dar a conhecer a Nabucodonosor a informação desejada. Contou ao rei o sonho e deu-lhe a respectiva interpretação.

No sonho, Nabucodonosor havia visto uma grande estátua como de homem. A cabeça era de ouro e representava o reino babilônico de Nabucodonosor. As outras partes da imagem representavam os reinos que se seguiriam ao dele. Diz a narrativa que entre outras coisas, Daniel lembrou ao rei: "Estavas vendo isso, quando uma pedra foi cortada, sem mão, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmiuçou." (Dan. 2:34) E disse mais: "nos dias destes reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído..." (Dan. 2-44)

O Senhor conhecia, na época de Nabucodonosor, os reinos que surgiriam após ele aqui na terra. Sabia o tempo em que o seu reino, o reino de Deus, seria estabelecido. Conhecia as almas eleitas, os seus profetas nesta dispensação, Joseph Smith e seus sucessores. Sabia e sabe hoje o destino da sua igreja e reino, que irá avante e cumprirá os propósitos indicados naquele memorável sonho.

Como é possível que, em nossos dias, o Senhor possa saber e dê a conhecer, através de seus patriarcas e profetas, as condições reinantes no futuro? Como pode predizer que determinadas pessoas serão apóstotolos e profetas e a sua igreja, ainda que elas sejam meras criancinhas ou rapazes na época da predição?

Como ilustração, foi dado saber aos presidentes Joseph F. Smith, Heber J. Grant, David O. McKay e outros que um dia fariam parte dos conselhos diretores da Igreja, que seriam apóstolos do Senhor Jesus Cristo, que se tornariam presidentes da Igreja nesta dispensação. E a muitos outros ainda foi dado conhecer que seriam chamados a cargos importantes, predições essas que têm sido cumpridas.

"... tanto o Presidente Wilford Woodruff como o Presidente Lorenzo Snow profetizaram que Joseph F. Smith (pai do Presidente Joseph Fielding Smith) viria a ser um dia presidente da Igreja. Trinta e sete anos antes, nas ilhas do Havaí, quando o presidente Snow, então membro do Conselho dos Doze, quase morreu afogado, ele declarou que o Senhor lhe fizera saber que 'esse moço, Joseph F. Smith,... seria algum dia o profeta de Deus na terra'. Certo dia, o Presidente Woodruff contava a um grupo de crianças alguns incidentes da vida do Profeta Joseph Smith. 'Voltando-se para o Élder Joseph F. Smith, pediu-lhe que se levantasse. Este obedeceu. "Olhem para ele, crianças", disse Wilford Woodruff, "...ele se tornará o presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Quero que todos vocês se lembrem do que lhes falei esta manhã." (Joseph Fielding Smith

Jr. e John J. Stewart, The Life of Joseph F. Smith [Deseret Book oC., 1972] p. 124)

Quando Heber J. Grant, que veio a ser o sétimo presidente da Igreja, era uma criança que brincava no chão durante uma aula da Sociedade de Socorro, Eliza R. Snow, que foi de fato profetisa, deu-lhe uma bênção em línguas, que foram interpretadas pela Irmã Zina Y. Card, no sentido de que o garotinho seria um dia um apóstolo do Senhor Jesus Cristo.

Noutra ocasião, Heber C. Kimball, um dos conselheiros do Presidente Brigham Young na Primeira Presidência da Igreja, colocou o mesmo garotinho em cima de uma mesa, profetizando que viria a ser mais tarde uma figura maior na Igreja do que seu pai, Jedediah M. Grant, que era conselheiro do Presidente Brigham Young.

E novamente, quando o Irmão Grant, aos vinte e quatro anos era presidente da Estaca Tooele*, recebeu uma bênção patriarcal dada pelo Patriarca John Rowberry na qual lhe era dito que ainda estaria nos conselhos diretivos da Igreja; e, após lhe dar a bênção, o patriarca falou:

— Heber, não ouso contar-lhe o que vi, quando estava com as mãos sobre a sua cabeça.

Mais tarde, depois de tornar-se presidente da Igreja, o Irmão Grant contou que, quando o Irmão Rowberry falou aquilo, passou-lhe pela mente como que dito por uma voz: "Algum dia você será presidente da Igreja." Ele considerou tamanha presunção de sua parte, até mesmo ter um pensamento assim, que jamais aquilo contou a ninguém, até tornar-se presidente da Igreja.

Certa ocasião, quando o jovem David O. McKay servia como missionário na Escócia, houve uma reunião de missionários excepcionalmente espiritual, dirigida pelo Élder James McMurrin, um conselheiro na presidência da missão. Enquanto eram prestados testemunhos e relatavam-se experiências espirituais, o Presidente McMurrin voltou-se para o Élder McKay, dizendo:

— Élder McKay, digo-te o mesmo que o Salvador disse a Pedro: "... Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos." (Lucas 22: 31, 32)

Depois, prosseguiu:

— Se fores fiel, ainda farás parte dos conselhos diretivos da Igreja.

Ainda poderíamos mencionar outras experiências semelhantes.

Como foi o caso com Abraão e Jeremias e outros profetas antigos, esses homens, os líderes do reino de Deus nesta dispensação, foram escolhidos para representá-lo nesta derradeira dispensação antes de haverem nascido.

É interessante reler a história do passado que nos descreve as condições que levaram ao estabelecimento desta dispensação do Evangelho — a obra realizada pelos reformadores Lutero, Calvino, Knox e outros; a maneira que abriu o caminho para a impressão da Bíblia, de modo que o povo em geral pudesse ter o privilégio de ler a palavra de Deus; o desenvolvimento milagroso da arte de imprimir; a coragem do povo que queria adorar a Deus segundo os ditames da sua consciência; a vinda dos puritanos ingleses para as Américas em busca de liberdade; a Guerra da Independência americana; a promulgação da Constituição dos Estados Unidos — tudo isso antevendo o tempo e preparando o caminho para a restauração do Evangelho, o início desta dispensação.

A dispensação da plenitude dos tempos foi introduzida na terra pela visita do Pai e do Filho e outros seres celestiais ao menino Joseph Smith. As trevas se dissiparam e sobreveio uma efusão de luz e inteligência. O reino de Deus, conforme descrito no sonho de Nabucodonosor, foi estabelecido na terra e está rolando como a pedra cortada do monte sem mãos, e ele continuará assim até o tempo da vinda do Senhor.

Por seu conhecimento e onisciência, nosso Pai Celestial desde o início sabe o fim. Tem revelado e continua revelando, por meio de seus profetas, a história da humanidade, o esquema temporal da vida sobre este planeta.

Esta é a dispensação da plenitude dos tempos, em que as chaves de todas as dispensações anteriores foram dadas aos profetas da restauração; um tempo em que Deus tem falado dos céus, e anjos aparecido ao homem; um tempo em que o Espírito Santo é conferido a homens e mulheres, e pelo seu poder, podemos conhecer a verdade de todas as coisas. E é necessário que haja esse grande poder na terra hoje em dia.

A história deste mundo é o cumprimento do plano preparado nos céus antes de a terra ser criada. O que o mundo costuma chamar de mormonismo está fundamentado sobre a rocha da revelação. É o Evangelho de Jesus Cristo, a verdade eterna, o plano de vida e salvação. Estas coisas eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

---

* Tooele — Cidade de Utah, localizada a sudoeste da Cidade do Lago Salgado.

---

1 "Os líderes do reino de Deus nesta dispensação, foram escolhidos para representá-lo nesta derradeira dispensação antes de haverem nascido."

2 Ilustrado por Dale Kilbourn.

3 "Como é possível que, em nossos dias, o Senhor possa e dê a conhecer, através de seus patriarcas e profetas, as condições reinantes no futuro?"

A Constituição Do Ensino Familiar

"Os pais devem ensinar às crianças."

Visando destacar a importância do ensino familiar, o Élder Bruce R. McConkie, do Conselho dos Doze, apresentou aos representantes regionais dos Doze em um recente seminário, "A Constituição do Ensino Familiar". Com seus grandes conhecimentos de direito e precisa formulação, o Élder McConkie apresentou dez artigos da constituição:

1. Se quisermos ganhar a salvação, temos que aprender a viver o Evangelho. Não pode haver salvação em ignorância de Jesus Cristo e de suas leis eternas. Somos salvos proporcionalmente à nossa fé e obediência.

2. O Evangelho é revelado por Deus ao homem — por sua própria voz, pela ministração de anjos e pelo dom do Espírito Santo.

3. Os pais devem ensinar os filhos. O ensino do Evangelho é uma relação pai-filho centralizada na família e no lar.

"E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; E as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão e te serão por testeiras entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas." (Deut. 6:6-9)

4. A fim de que as famílias possam ser aperfeiçoadas; para que os pais possam ensinar seus filhos — a própria igreja é para ensinar o Evangelho, apresentar a mensagem de salvação a seus membros e ao mundo.

Disse Paulo: "... aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação." (I Cor. 1:21)

Joseph Smith disse: "Depois de tudo o que foi dito, o maior e mais importante dever é pregar o Evangelho".

5. O Sacerdócio é o poder e autoridade de Deus, delegado ao homem na terra, a fim de agir em todas as coisas para a salvação dos homens; e os portadores do Sacerdócio são agentes do Senhor, através dos quais são administrados a Igreja e o Evangelho.

"E este Sacerdócio maior administra o Evangelho e possui a chave dos

mistérios do reino, mesmo a chave do conhecimento de Deus." (D&C 84:19)

6. Aos quoruns do Sacerdócio, cabe treinar seus portadores em:

a. Como ensinar e governar sua família;

b. Como administrar a Igreja e o Evangelho; e

c. Como alcançar a vida eterna.

Os presidentes de quorum devem "assentar-se em conselho" com seus membros, para "ensinar-lhes os seus deveres" e guiá-los para a vida eterna no reino de nosso Pai. (D&C 107:85)

7. Depois de assim treinados, os portadores do Sacerdócio, tanto do Aarônico como de Melquisedeque, devem ensinar, pregar, explicar, exortar, zelar sempre pela igreja, visitar a casa de cada membro, exortá-lo a orar em voz alta e em segredo e a cumprir todas as obrigações familiares, assistir e fortalecer os membros da igreja, ver que não haja iniqüidade dentro dela, nem dificuldade entre um e outro, nem mentiras, maledicências ou calúnias, observar também que todos os membros cumpram as suas obrigações e convidar todos para virem a Cristo.

Com efeito, devem ser instrumentos nas mãos do Senhor para o cumprimento da exortação de Morôni ao concluir os antigos anais: "Sim, vinde a Cristo, sede perfeitos nele e negai-vos a todas as impurezas; e, se vos negardes a todas as impiedades e amardes a Deus com todo o vosso poder, mente e força, então sua graça vos será suficiente e por sua graça podereis aperfeiçoar-vos em Cristo, e, se pela graça de Deus vos aperfeiçoais em Cristo, não podereis de forma alguma negar o poder de Deus. E, novamente, se pela graça de Deus vos aperfeiçoardes em Cristo, e não negardes o seu poder, então sereis santificados em Cristo, pela graça de Deus, através do sangue derramado por Cristo, segundo o convênio do Pai, para a remissão de vossos pecados, a fim de que vos torneis santos e sem mácula." (Morôni 10:32-33)

8. Os mestres familiares são representantes do Sacerdócio, e o ensino familiar é o meio pelo qual o Sacerdócio zela pela igreja. Através dele, os quoruns do Sacerdócio orientam e fortalecem seus membros, a fim de que possam aperfeiçoar suas famílias. Através dele, pais, famílias e indivíduos são orientados a fim de cumprirem suas obrigações, guardar os mandamentos e ganhar a salvação. Quando bem executado, o ensino familiar é o meio de o Senhor colocar à disposição de todos os membros do reino todas as bênçãos do Evangelho.

9. O objetivo da correlação do Sacerdócio é organizar e promover, à maneira do Senhor, o trabalho do qual encarregou a sua igreja. Todas as organizações e programas do Sacerdócio e das auxiliares devem funcionar dentro do arcabouço da correlação do Sacerdócio. São três os princípios fundamentais e diretores envolvidos:

a. A família é a mais importante organização no tempo e na eternidade; a ela e ao indivíduo cabe a responsabilidade primeira de realizar todas as coisas ordenadas pelo Senhor, e de fazer funcionar todos os programas da Igreja.

b. A Igreja e todas as suas organizações são agências de serviço, para ajudar a família e o indivíduo a realizarem aquilo que têm de fazer, a fim de ganhar paz nesta vida e vida eterna no mundo vindouro.

c. o ensino familiar é o veículo pelo qual se põem à disposição da família e do indivíduo a assistência da Igreja e todas as suas organizações.

10. Os mestres familiares são uma parte essencial da linha de força que transmite o pensamento e vontade do Senhor através dos canais que ordenou, até a família e o indivíduo. Havendo uma interrupção nessa linha, ou quando se tenta transmitir a força do Evangelho por circuitos auxiliares, ou comitês secundários, criados para propósitos específicos, são negadas ao povo do Senhor as bênçãos plenas que lhe traria uma organização perfeita em pleno funcionamento.

Concluindo a constituição de dez artigos do ensino familiar, o Élder McConkie falou a respeito de um presidente de quorum de élderes e noventa e seis élderes que não se haviam mostrado à altura da constituição, deixando de fazer suas obrigações do ensino familiar da maneira aprovada.

Especificamente, o presidente foi culpado de perguntar: "Vocês completaram as visitas do ensino familiar?", e os membros do quorum de responder: "Sim, visitamos todas as famílias que nos foram designadas e completamos nosso ensino familiar."

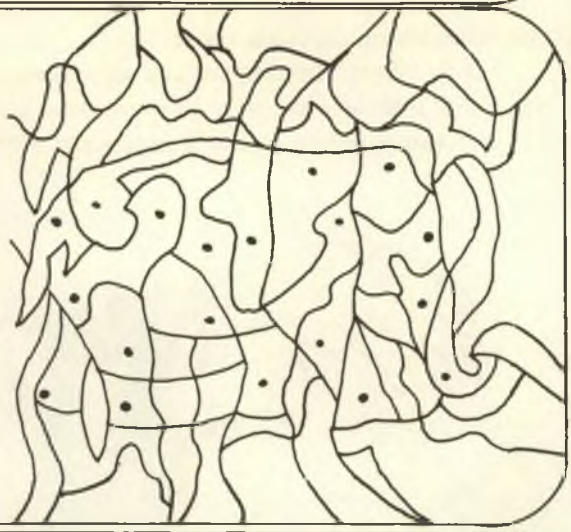
Disse o Élder McConkie: "Chegando à conclusão nesse caso, tivemos em mente certos conceitos fundamentais:

"Que o ensino familiar é o meio de o Sacerdócio zelar pela Igreja.

"Portanto, concluímos que estamos interessados primeiramente nas pessoas e não em programas, e que não está "completo" nem poderá sê-lo, até que todos ao nosso encargo tenham aperfeiçoado sua vida e obtido as bênçãos plenas do Evangelho no tempo e na eternidade.

"Os líderes do Sacerdócio fariam bem em ensinar o estipulado na 'Constituição do Ensino Familiar' em suas estacas, a fim de que os outros saibam qual o curso a seguir e não incorram na mesma transgressão por não saber o que deveriam fazer," falou o Élder McConkie.

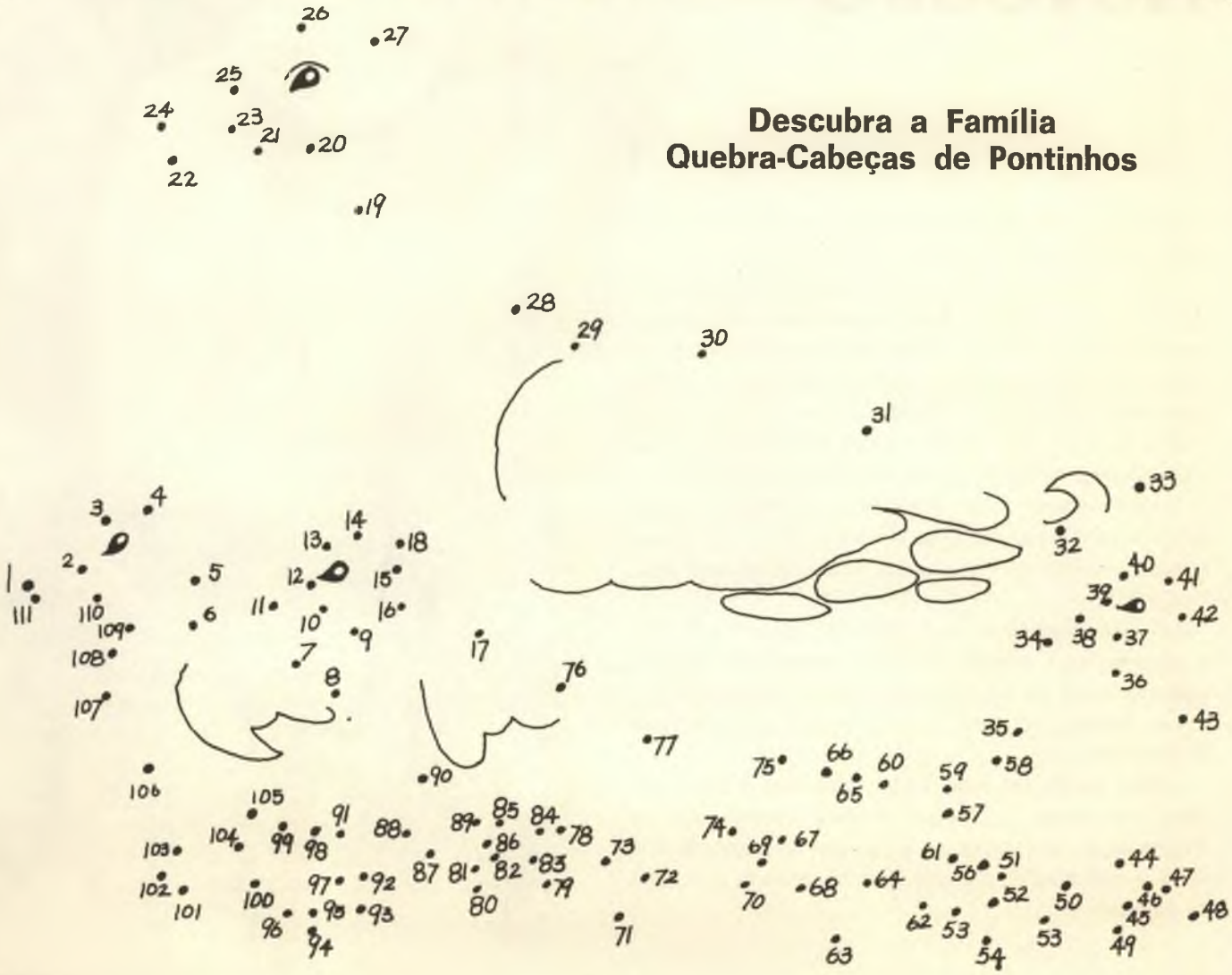
Apenas Para Divertir



Pinte todos os espaços marcados com um pontinho e descobrirá um grande animal de circo.

Descubra os porquinhos que são exatamente idênticos, e depois pinte-os.

Descubra a Família Quebra-Cabeças de Pontinhos



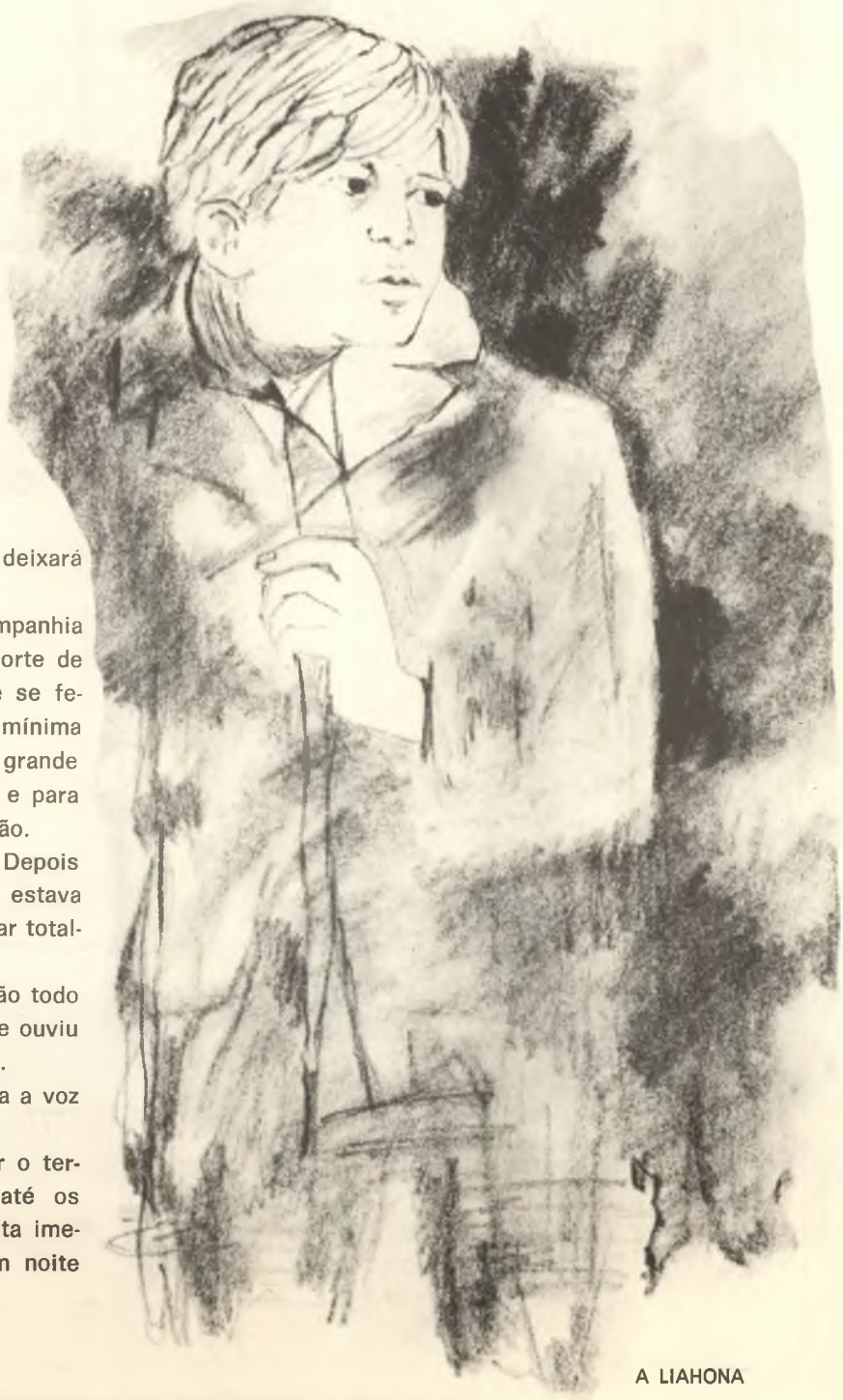
Uma Voz Vinda Do Nevoeiro

Quando começou a descer a colina, indo para casa, a mistura de cerração e fumaça engolfou John em densas ondas. O garotinho de dez anos agachou-se amedrontado, tentando acender a lanterna emprestada pelo Sr. West justamente para uma emergência assim; mas a umidade apagava a chama dos fósforos. John levantou, agasalhou-se melhor dentro da capa de oleado, e tentou enxergar adiante, através da cerração e sombras do anoitecer.

Horas antes, sua mãe o mandara levar um cesto de mantimentos até a casa de um velho pastor que vivia uns cinco quilômetros a nordeste de Milnthorpe, Inglaterra, onde John morava com sua família. Era a primeira vez que a mãe o deixara fazer aquela caminhada sozinho, e ele sentia-se orgulhoso e excitado ao mesmo tempo. Porém, demorara-se demais na cabana do Sr. West. Quando uma nuvem escura encobriu o sol antes de começar a chover mansamente, John deu um pulo e despediu-se ligeiro do velho amigo.

O Sr. West ofereceu-se para acompanhar o garoto de volta a Milnthorpe, mas John recusou, alegando:

— Esta é minha primeira caminhada a sós, e se o senhor tiver que me levar de volta, mamãe não deixará mais que eu venha sozinho.



Agora bem que John desejaria estar em companhia do Sr. West. Imaginava ouvir e perceber toda sorte de estranhos sons e movimentos no nevoeiro, que se fechava cada vez mais em torno dele. Não fazia a mínima idéia onde estava. De repente, chegou a um grande portão de ferro que marcava o fim do caminho, e para além do qual se ouvia o uivar medonho de um cão.

John estava quase paralisado de medo. Depois lembrou-se do que lhe dizia a mãe — que Deus estava sempre próximo, mesmo quando pensávamos estar totalmente sós.

O menino ajoelhou-se, implorando ajuda. Então todo o medo se foi. E quando momentos mais tarde se ouviu uma voz vinda do Nevoeiro, ele não se admirou.

— Johnny, vim levar você para casa, — dizia a voz do Sr. West.

Esse garoto foi John Taylor, que veio a ser o terceiro presidente da Igreja. Embora vivesse até os oitenta anos, ele jamais se esqueceu da resposta imediata à sua oração, naquela estrada deserta em noite de nevoeiro.

Olhai Para Vossas Criancinhas

O sentido da vida, morte e ressurreição.

Élder Boyd K. Packer

do Conselho dos Doze

Quem não se sentiu tocado pelo canto destas inocentes crianças? Lembro-me da passagem em 3 Néfi, capítulo 17, quando o Senhor ordenou que lhe fossem trazidos os pequeninos. Eles trouxeram suas criancinhas e as colocaram perto dele. Mandou então que o povo se afastasse, até que todas as crianças tivessem lugar; a seguir, pediu que todos se ajoelhassem, e ele próprio caiu de joelhos em meio aos pequenos, para orar. Diz o escrito:

"... Os olhos jamais viram e os ouvidos jamais ouviram até agora coisas tão grandes e maravilhosas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer ao Pai;

"E não há língua que possa falar, nem homem que possa escrever, nem podem os corações dos homens conceber tão grandes e maravilhosas coisas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer..."

Depois da oração, diz o relato que ele chorou. E em seguida, "tomou das criancinhas uma a uma, abençoou-as e rogou por elas ao Pai.

"E, depois de ter feito isso, chorou de novo;

"E, dirigindo-se à multidão, disse: Olhai para vossas criancinhas." (3 Néfi 17: 16-17, 21 23)

Confesso, e não me envergonho de fazê-lo, que as criancinhas cativam meu íntimo com extrema facilidade. Temos em casa um pequerrucho de quase quatro anos. Tudo o que tem a dizer para me deixar radiante é uma palavra: "Papai". Devo-lhe alguma ajuda no tocante a esta minha designação de hoje.

"... os filhos são herança do Senhor" (Salmo 127:3). Hoje, quero dirigir-me às criancinhas. Muitas delas estão aqui no coro. Outras, em grande número, ouvem-me pelo rádio e televisão. Acredito que os adultos não vão levar-me a mal, se eu falar para elas.

Há uma coisa muito importante que eu gostaria de dizer a vocês, crianças. Uma coisa de que espero se lembrarão sempre. Algo que devem aprender enquanto são crianças, e é fácil a gente se lembrar das coisas.

Vocês sabem que viviam antes de nascerem aqui na terra? Antes de nascerem a seus pais, vocês viviam no mundo espiritual.

Isto é muito importante de a gente saber. Explica muitas coisas que, do contrário, são difíceis de entender. Muita gente, no mundo, não sabe disso, mas é a verdade.

Vocês não foram criados no momento em que nasceram para esta vida. O que foi então criado é unicamente o corpo físico. Vocês vieram de outra parte. Deixaram a presença do Pai Celestial, porque havia chegado a hora de vocês viverem na terra.

Havia duas razões para vocês obterem esta vida. Primeiro, para receber um corpo mortal, o que é uma grande bênção. Nosso Pai Celestial providenciou as coisas de modo tal, que vocês fossem concebidos e começassem a crescer através de uma expressão muito sagrada de amor entre seu pai e sua mãe. Então, a certa altura, exatamente quando não sei, o espírito de vocês entrou nesse corpo e tornaram-se, assim, uma pessoa vivente. Mas nem tudo começou pelo nascimento de vocês como um bebezinho.

O corpo de vocês torna-se um instrumento da sua mente e a base de seu caráter. Pela vida num corpo mortal, vocês podem aprender a controlar a matéria, e isto lhes será de grande importância por toda a eternidade.

Façam de conta, meus amiguinhos, que minha mão representa seu espírito. Ele está vivo. Pode mover-se por si mesmo. Suponham agora que esta luva represente o corpo mortal. Ela não consegue mover-se. Quando o espírito entra em seu corpo mortal, então este adquire capacidade de mover-se, agir e viver. Agora são uma pessoa — um espírito com corpo, vivendo na terra.

Não se tencionou que ficássemos aqui para sempre. Apenas pelo período de duração da vida. Meus pequenos, vocês estão apenas começando a etapa da vida. Seus avós e bisavós estão quase chegando ao fim dela. Não faz muito tempo, eles também eram rapazinhos e garotinhas como vocês. Mas, um dia eles deixarão esta existência mortal, e o mesmo farão vocês.

Um dia, em virtude da idade avan-

çada ou talvez uma doença, um acidente, o espírito e o corpo se separarão. Dizemos então que a pessoa morreu. A morte é uma separação. Tudo isso acontece de acordo com um plano.

Lembrem-se, minha mão representa o espírito de vocês, e a luva o seu corpo. Enquanto estão vivos, o espírito no interior do corpo faz com que este trabalhe, atue e viva.

Quando separo os dois, a luva, que representa seu corpo, é afastada do espírito de vocês, e perde a capacidade de se mover. Então simplesmente cai e está morta. Mas, o espírito de vocês continua vivo.

"Um espírito nascido de Deus é uma coisa imortal. Quando morre o corpo, o espírito não morre." (Primeira Presidência, **Improvement Era**, março de 1912, p. 463)

É muito importante que vocês entendam o que é a morte. A morte é uma separação.

A parte de vocês que enxerga através dos olhos e lhes permite pensar, sorrir, agir, aprender e ser, é o espírito de vocês, e este é eterno. Ele não pode morrer.

Vocês se recordam de quando faleceu alguém, talvez uma sua avó? Lembram-se de como seus pais lhes explicaram que vovó tinha ido viver com o Pai Celestial, onde ficaria esperando por vocês, e que o que estava ali no caixão era apenas seu corpo? Vocês se lembram de quando lhes disseram isso, não é?

A morte é uma separação e está de acordo com o plano. Se o plano terminasse ali, seria péssimo, porque viemos aqui para obter um corpo que então estaria perdido.

Quando tornou possível que viéssemos a este mundo, nosso Pai Celestial também possibilitou que pudéssemos voltar para junto dele, pois é o nosso Pai e nos ama. Vocês não devem pensar que, por estarmos vivendo aqui na terra longe dele, e porque não conseguimos vê-lo, ele nos tenha esquecido.

Notaram quando seu irmão mais velho esteve em missão, ou uma irmã foi estudar longe de casa, como seus pais não deixaram de amá-los? Às vezes, não lhes parecia até que os amavam mais do que a vocês? Pelo menos, costumavam falar deles e com freqüência ficar preocupados com eles. Mandavam ajuda e mensagens para encorajá-los. A distância pode tornar o amor mais forte.

Meus pequenos, nosso Pai Celestial sabia que iríamos precisar de ajuda. Por isso, ele providenciou, no plano, que alguém viesse à terra para nos ajudar.

Esse alguém foi Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ele, um filho espiritual, é como todos nós; mas, além disso, Jesus foi seu Filho Unigênito na terra. Falo dele com muito reverência. E foi ele, meus amiguinhos, quem tornou possível vencermos a morte, e que as coisas voltem a ser como deviam.

Vocês estão aprendendo a respeito dele na Escola Dominical, na Primária e nas reuniões familiares. É muito importante que se lembrem dele e aprendam tudo o que puderem sobre o que ele fez.

Ele venceu a morte temporal por nós, tornando possível, pela expiação, que nosso espírito e corpo sejam novamente unidos. Por sua causa, seremos ressuscitados. Foi ele quem fez que pudéssemos ser ressuscitado, que nosso espírito e corpo voltassem a ser um. É isto a ressurreição. É um dom dele, que todos os homens receberão. Por isso o chamamos de nosso Salvador, nosso Redentor.

A segunda razão pela qual vieram para cá, é serem provados; é mais ou menos como ir para uma escola, a fim de aprender a distinguir o bem do mal. Para nós, é muito importante saber diferenciar o certo do errado.

É importante sabermos que existe um ser maligno que procura levar-nos a agir mal. Por causa disto, vocês precisam conhecer outra separação. Mesmo que sejam ainda bem pequenos, vocês devem saber a respeito disso. Existe mais outra separação na qual devem pensar — não uma separação do corpo e espírito; mas sim, a separação do Pai Celestial.

Se ficarmos separados dele e não pudermos voltar à sua presença, então será o mesmo que estarmos espiritualmente mortos. E isto não seria nada bom. Essa separação é como uma segunda morte, uma morte espiritual.

Vocês estão aprendendo a ler e assim podem começar a ler as Escrituras — a Bíblia, especialmente o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. Por eles, sabemos que as crianças pequenas podem aprender verdades espirituais, pois disse o profeta:

"... ele comunica a sua palavra aos homens por intermédio dos anjos; sim, não só aos homens mas também às mulheres. E isso não é tudo; muitas vezes se comunicam palavras às crianças, que confundem o sábio e o instruído." (Alma 32:23)

As Escrituras nos ensinam que nosso espírito precisa ser puro, a fim de poder retornar à presença do Pai Celestial:

"... nenhuma coisa impura poderá entrar no Reino de Deus..." (I Néfi 15:34)

Portanto, dois fatos importantes têm que se dar conosco. Primeiro, de alguma forma, precisamos reaver nosso corpo depois de mortos — isto é, queremos ser ressuscitados; e temos que encontrar um meio de nos mantermos limpos, espiritualmente limpos, para que não sejamos afastados de nosso Pai Celestial e possamos retornar para junto dele, quando deixarmos esta vida terrena.

Temos certeza de que vencerão a morte temporal. Todos ressuscitarão por causa do que Cristo fez por nós. Se vocês irão vencer ou não a morte espiritual — aquela separação da presença do Pai Celestial — dependerá em grande parte de vocês mesmos.

Enquanto viveu aqui na terra, Jesus Cristo ensinou o seu Evangelho e organizou a sua igreja. Se vivermos o Evangelho, permaneceremos espiritualmente limpos. E até mesmo quando cometemos um erro, existe um meio para a gente voltar a ser puro. É isto que chamamos de arrependimento.

Para podermos ingressar na sua igreja, temos que ter fé no Senhor Jesus Cristo, temos que nos arrepender e precisamos ser batizados.

O batismo é o mesmo que ser sepultado na água. Quando saímos da água, é como se nascêssemos de novo, totalmente limpos. Recebemos a remissão dos pecados; isto significa que são tirados de nós. Se quisermos, poderemos conservar essa remissão de nossos pecados.

Depois, somos confirmados membros da sua igreja, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Temos direito ao dom do Espírito Santo para nos guiar. Isto é como receber mensagens do nosso lar celestial, mostrando-nos o caminho que devemos seguir.

O Senhor chamou profetas e apóstolos para dirigirem a sua igreja. Ele sempre revela a sua vontade por intermédio dos profetas.

Quero contar-lhes algo que aprendi, quando tinha mais ou menos a idade de vocês. Eu devia ter uns seis a sete anos. Meu irmão e eu (éramos quase da mesma idade) fomos juntos, a pé, para a conferência da estaca. Ainda agora, poderia entrar naquele prédio de Brigham City, Utah, ir para debaixo do balcão e apontar:

— Eu estava sentado aqui, quando aconteceu.

E o que foi que aconteceu? Havia um homem falando do púlpito, o Élder George Albert Smith, que fazia parte naquela época do Conselho dos Doze. Não me lembro mais se falava sobre a Palavra de Sabedoria, ou a respeito do batismo ou do arrependimento. Mas, não sei como, enquanto ele falava, fixou-se em minha mente que ali estava um servo de Deus. Nunca mais perdi esse testemunho ou sentimento. Em minha mente, convenci-me de que ele era um apóstolo do Senhor Jesus Cristo.

Meus amiguinhos, embora eu próprio esteja agora no Conselho dos Doze, jamais perdi esse sentimento a respeito desses homens. Muitas vezes, quando reunidos no Conselho, olho em torno e sei novamente que esses são os apóstolos do Senhor Jesus Cristo na terra. São suas testemunhas especiais.

Crianças, vocês serão provados, talvez muito mais do que qualquer geração antes de vocês. Encontrarão muita gente que não crê em Cristo. Alguns deles serão agentes do maligno e ensinarão iniqüidades. Isto pode, às vezes, ser muito tentador. Haverá várias ocasiões em que vocês cometerão erros (todos nós o fazemos). Haverá horas em que duvidarão de que consigam viver como ele deseja. Quando forem provados, quando estiverem desapontados, ou envergonhados, ou tristes, lembrem-se dele e orem ao Pai Celestial em seu nome.

Alguns afirmarão que ele não veio à terra. Mas ele veio, sim. Alguns dirão que ele não é o Filho de Deus. Mas ele o é. Alguns negarão que ele tenha servos na face da terra. Mas ele tem, pois ele vive. Eu sei que ele vive. Na sua igreja, existem milhares de pessoas que podem prestar testemunho dele, e eu também testifico, e repito mais uma vez as coisas de que devem lembrar-se, coisas que devem aprender enquanto ainda são crianças.

Não se esqueçam — cada um de vocês é um filho do Pai Celestial. É por isso que o chamamos de nosso Pai.

Vocês viviam antes de vir à terra. Vieram para cá, a fim de receber um corpo mortal e serem provados.

Quando sua vida terminar, o corpo e o espírito serão separados, o que chamamos de morte.

Nosso Pai Celestial mandou seu Filho, Jesus Cristo, para nos redimir. E por causa do que ele fez, nós seremos ressuscitados.

Existe ainda outro tipo de morte em que devem pensar, isto é, a separação ou afastamento da presença de nosso Pai Celestial. Se formos batizados e vivermos o Evangelho, poderemos ser redimidos dessa segunda morte.

O Pai Celestial nos ama, e temos um Senhor e Salvador.

Sou grato a Deus por uma igreja na qual vocês, nossas criancinhas, são a coisa mais preciosa. Sou grato a Deus pelo Salvador que chamou para junto de si as criancinhas.

Poucos minutos atrás, vocês cantaram estas palavras:

"Eu gosto de ler o que meu [bom Jesus,
Quando veio na terra habitar,
Com ternura as crianças nos [braços tomou.
Eu quisera entre elas estar.

"Quisera também tê-lo ouvido [falar,
Ter seus braços em volta de [mim;
Ter fitado seus olhos quando [ele falou:
'Os pequenos deixai vir a [mim'"

Cante Comigo, B-69

Meus irmãozinhos, minhas crianças. Eu sei que Deus vive. Sei o que é sentir como se fora ter a mão dele sobre nós, para nos chamar ao seu serviço. Disso tenho provas e divido com vocês o testemunho que ele me deu, esse testemunho especial. Ele é o Cristo! Ele nos ama! Oro por vocês, meus pequenos, e rogo a ele que vele por nossas crianças e as abençoe, em nome de Jesus Cristo. Amém.

---

1. Sessão vespertina de sábado, 7 de abril de 1973

2. "O que foi então criado é unicamente o corpo físico. Vocês vieram de outra parte... da presença do Pai Celestial."

As recompensas de ser membro dedicado da Igreja

A Verdadeira Força Da Igreja

Élder Gordon B. Hinckley
do Conselho dos Doze

Meus queridos associados nesta grande obra. Jamais entrei neste Tabernáculo sem lembrar-me da devoção e sacrifício de nossos pais pioneiros, que o construíram como uma casa de Deus, dedicando e consagrando-o ao culto e ensino da verdade. Quando ocupamos este púlpito para proferir palavras de fé, estamos arcando com uma grande e sagrada responsabilidade. Por isso, busco humildemente a orientação do Santo Espírito.

Tenho tido oportunidade de encontrar-me com muitos homens e mulheres maravilhosos em vários pontos do mundo, dos quais alguns me deixaram indelével impressão. Um destes foi um oficial naval asiático, moço brilhante que viera aos Estados Unidos para adestramento avançado. Alguns de seus companheiros na Marinha Norte-Americana, cuja conduta o havia cativado, a seu pedido falaram-lhe de suas crenças religiosas. Ele não era cristão, mas estava interessado. Contaram-lhe do Salvador do mundo, de Jesus que nasceu em Belém e que deu sua vida por toda a humanidade. Falaram-lhe da aparição de Deus, o Pai Eterno, e do Senhor ressurreto ao menino Joseph Smith, e dos profetas modernos. Ensinaram-lhe o Evangelho do Mestre. Seu coração foi tocado pelo Espírito e ele batizou-se.

Foi-me apresentado pouco antes de voltar para a sua pátria. Falamos dessas coisas e então comentei:

— Seu povo não é cristão. Você vem de uma terra em que os cristãos têm passado um mau pedaço. O que acontecerá, quando você voltar como cristão, e ainda por cima, um cristão mórmon?

Seu semblante se anuviou ao replicar:

— Meus familiares ficarão desapontados. Suponho que me expulsarão. Serei tido como morto. Quanto ao meu futuro e minha carreira, presumo que todas as oportunidades ser-me-ão vedadas.

— Está disposto a pagar preço tão alto pelo Evangelho? — perguntei.

Seus olhos negros marejados de lágrimas reluziam no belo rosto moreno, ao responder:

— É a verdade, não é?

Envergonhado de haver feito a pergunta, respondi:

— Sim, é a verdade, — ao que replicou:

— Então, o que mais importa?

Estas são as questões que gostaria de deixar convosco esta manhã: "É a verdade, não é? Então, o que mais importa?"

Ontem foram apresentados os dados estatísticos do crescimento da Igreja. Eles são impressionantes e incisivos. Trouxeram-me à mente recente transmissão de um dos mais populares programas televisionados dos Estados Unidos, no qual Joe Garragiola* entrevistou o Reverendo Dean M. Kelley, do Conselho Nacional de Igrejas (dos Estados Unidos), o qual falou do declínio da congregação de alguns dos maiores e mais conhecidos grupos religiosos, e também do crescimento acelerado de outros. Como razão do declínio, dizia ele:

— Porque se tornaram permissivos; admitem que praticamente qualquer um se torne ou continue membro. Não insistem em nenhum rigoroso requisito de fé ou contribuições.

Por outro lado, salientou que os grupos que exigem sacrifício de tempo, esforço e de meios estão experimentando vigoroso desenvolvimento. Depois, prosseguiu, dizendo:

— A igreja de mais de um milhão de membros que mais cresce neste país** é a Igreja Mórmon, os santos dos últimos dias, cuja sede é na Cidade do Lago Salgado, que está aumentando à razão de cinco por cento ao ano, e isto é uma taxa muito elevada.

São palavras notáveis que deveriam interessar a todo homem e mulher ponderados. Um dos pontos afirmados é que uma religião que requer devotamento, que pede sacrifícios, que exige disciplina, pode contar também com a lealdade de sua congregação e o interesse e respeito de outros.

Mas isso sempre foi assim. Não foi por equívoco que o Senhor disse a Nicodemos: "Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus." (João 3:5) Não havia exceções. Não havia permissividade quanto ao cumprimento da lei. E o mesmo se dava com outros assuntos dos quais falou.

Paulo jamais usou de subterfúgio ou tergiversou ao expor os requisitos do Evangelho de Jesus Cristo. E assim é hoje. O próprio Senhor declarou que "estreita é a porta e apertado o caminho". Qualquer sistema ligado às conseqüências eternas do comportamento humano, tem que estabelecer diretrizes e ater-se a elas; nenhum sistema conseguirá reter por muito tempo a lealdade dos ho-

Seus olhos negros marejados de lágrimas, reluziam no belo rosto moreno, ao responder: É a verdade, não é?

mens, sem deles esperar certas medidas de disciplina, particularmente de autodisciplina. O custo em conforto poderá ser alto; o sacrifício, real; mas, esta própria realidade exigente é a substância que produz caráter, força e nobreza.

A permissividade nunca produziu grandeza. Retidão, lealdade, vigor são virtudes cuja força é desenvolvida pelas lutas que se travam no íntimo do ser humano, ao praticar autodisciplina sob as exigências da palavra divinamente pronunciada.

Contudo, existe o outro lado da moeda, sem o qual essa autodisciplina é pouco mais que um exercício. Disciplina imposta por amor à disciplina é repressão. Não é do espírito do Evangelho de Jesus Cristo. É geralmente imposta pelo temor, sendo negativos seus resultados.

Mas aquilo que é positivo, que provém de convicção pessoal, edifica, eleva e fortalece de maneira maravilhosa. Em matéria de religião, quando o homem é motivado por grandes e poderosas convicções da verdade, ele disciplina a si mesmo, não por causa das exigências impostas pela Igreja, mas devido ao conhecimento íntimo de que Deus vive, de que é um filho de Deus, possuidor de potencial eterno, sem limites; de que existe alegria no servir e satisfação em trabalhar por uma grande causa.

O marcante progresso desta igreja, a que se referia o Reverendo Kelley, não resulta tanto das exigências da Igreja aos seus membros, quanto é o resultado da sua convicção íntima de que esta é na realidade a obra de Deus, e que servir retamente traz felicidade, paz e satisfação.

Hoje, estamos aqui congregados neste histórico Tabernáculo da Praça do Templo, em meio a outros edifícios notáveis, mas a força da Igreja não reside nestas construções, nem em suas milhares de casas de oração espalhadas pelo mundo, nem tampouco em suas universidades e hospitais. Estes são, sem dúvida, recursos desejáveis, meios para um fim, porém meros auxiliares da sua verdadeira força. Conforme o Presidente Lee indicou ontem, o alicerce desta igreja está no coração da sua gente, no testemunho individual e na convicção da autenticidade desta obra. Quando uma pessoa tem tal testemunho e convicção, as exigências da Igreja tornam-se desafios, em lugar de fardo. Diz o Salvador: "... meu jugo é suave e o meu fardo é leve." (Mat. 11:30)

O jugo da responsabilidade na Igreja, o fardo da liderança tornam-se antes oportunidades do que problemas para aqueles que usam o manto da dedicação na Igreja de Jesus Cristo.

Outro dia, estando presente numa conferência de estaca na parte leste dos Estados Unidos, ouvi a experiência de um engenheiro que se filiou à Igreja poucos meses atrás. Os missionários haviam batido à sua porta, sendo bem recebidos pela esposa. Ela aceitara prontamente a mensagem, enquanto ele se via enredado, meio contra a vontade. Uma noite, ela insinuou que desejava ser batizada. O marido refugiou-se num assomo de ira. Então ela não compreendia o que isto significava? Isto significava tempo. Significava pagar o dízimo. Significava perder os amigos. Significava largar de fumar. Agarrou o casaco e saiu, batendo a porta. Andou pelas ruas amaldiçoando sua mulher, amaldiçoando os missionários, amaldiçoando a si próprio por lhes haver permitido apresentar sua mensagem. Quando cansou, a ira amainou e, sem saber como, o coração foi tocado pelo espírito de prece. Orou enquanto andava. Implorou a Deus uma resposta para suas dúvidas. E aí teve a impressão clara, inequívoca, como se traduzida em palavras: "É verdade."

— É verdade, — repetia a si mesmo, — é verdade.

O coração se lhe encheu de paz. Caminhando para casa, as restrições, as exigências, os requisitos, tudo isso que tanto o enfurecera começaram a parecer-lhe oportunidades. Abrindo a porta de casa, encontrou a mulher de joelhos.

Então, diante da congregação à qual contara seu caso, ele falou da alegria que sentiam agora. O dízimo não era problema. Compartilhar seus meios com Deus de quem tudo haviam recebido, parecia muito pouco. O tempo também não era problema. Requeria apenas controlar um pouquinho as horas da semana. A responsabilidade não era problema. Ela trazia progresso e uma nova visão da vida. E então esse homem inteligente e preparado, esse engenheiro acostumado a lidar com os fatos do mundo físico em que vivemos, com os olhos marejados de lágrimas, prestou solene testemunho do milagre acontecido em sua vida.

O mesmo acontece com centenas de milhares em muitas terras — homens e mulheres cultos e capazes, comerciantes e profissionais, homens sagazes, práticos, que fazem as coisas funcionar no mundo, em cujos corações arde um testemunho silencioso de que Deus vive, de que Jesus é o Cristo, de que esta obra é divina, de que foi restaurada na terra para benefício de todos os que

quiserem partilhar suas oportunidades.

Diz o Senhor: "Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo." (Apoc. 3:20)

Falando aos judeus no templo, Jesus disse: "A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou.

"Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo." (João 7:16-17)

Eis o milagre desta obra, que todo homem pode saber por si próprio. Não depende de um mestre ou do pregador ou do missionário, exceto pelo que podem instruí-lo e prestar testemunho. Conforme dizia Jó há muitos, muitos anos: "... há um espírito no homem, e a inspiração do Todo-Poderoso os faz entendidos." (Jó 32:8)

Todo homem pode saber por si mesmo que isto é verdade pelo dom do Espírito Santo, e com a mesma certeza de que o sol nascerá pela manhã. E, sabendo que é verdade, sentir-se-á inclinado a antodisciplinar-se como convém àquele que possui o conhecimento do sentido e propósito da vida, de sua grande responsabilidade para com os semelhantes, de sua responsabilidade para com a família, de sua responsabilidade para com Deus.

"Aprende de mim," diz o Senhor, "e ouve as minhas palavras; anda na mansidão do meu Espírito e terás paz em mim" (D&C 19:23)

Esta é "a paz que ultrapassa todo entendimento", porque não vem da mente, mas do Espírito; e "as coisas de Deus são entendidas pelo Espírito de Deus.

Uma moça brilhante e muito instruída falou para uma conferência de militares SUD americanos em Berchtesgaden, Alemanha, na qual eu estava presente. Ela era médica, com o posto de major no Exército dos Estados Unidos, uma profissional altamente respeitada em sua especialidade. Dizia ela:

"Mais do que tudo no mundo, eu queria servir a Deus. Contudo, por mais que tentasse, não conseguia encontrá-lo. O milagre é que ele me achou. Um sábado à tarde, em setembro de 1969, estando na minha casa em Berkeley, Califórnia, ouvi a sineta da porta tocar. Ali estavam dois moços, de terno e gravata, camisa branca. O cabelo bem penteado. Fiquei tão impressionada, que falei:

"— Não sei o que estão vendendo, mas vou comprar.

"Um deles respondeu:

"— Não estamos vendendo nada. Somos missionários da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e gostaríamos de conversar com a senhora.

"Convidei-os a entrar e eles me falaram a respeito de sua fé.

"Foi o início do meu testemunho. Estou grata além do que posso expressar, pelo privilégio e honra de ser membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A alegria e paz trazidas por este Evangelho alviçareiro ao meu coração é o céu na terra. Meu testemunho desta obra é a coisa mais preciosa em minha vida, uma dádiva do Pai Celestial, pela qual serei eternamente grata."

Esse conhecimento vem hoje da mesma forma como antigamente. Foi assim que veio ao meu amigo, o oficial naval asiático, e ao engenheiro cujas palavras citei. E foi assim que veio à médica cujo testemunho acabaram de ouvir. Neste recinto, há milhares que poderiam falar de modo semelhante. Existem agora milhões pelo mundo afora. E se houver alguém ao alcance de minha voz que esteja buscando o testemunho do Santo Espírito nesse sentido, posso testificar-lhe que ele pode ser alcançado. Será exatamente como aconteceu a Pedro em tempos idos:

"E, chegando Jesus às partes de Cesaréia de Filipo, interrogou os seus discípulos...: ... quem dizeis que eu sou?

"E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.

"E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não to revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus.

"Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela." (Mat. 16:13-18)

Essa pedra da revelação é a fonte de conhecimento das coisas de Deus. É o testemunho do Santo Espírito testificando a verdade eterna, e as portas do inferno não prevalecerão contra qualquer homem que a busca, que a aceita, que a cultiva e que vive de acordo com ela.

Dessas coisas sagradas ofereço meu solene testemunho e invoco as bênçãos desse conhecimento sobre todos aqueles que buscam sinceramente a verdade, em nome do autor da verdade, mesmo o Senhor Jesus Cristo, Amém.

*** Conhecido entrevistador da televisão norte-americana.**

**** Estados Unidos.**

A História Da Igreja No Brasil

Parte-2

29 de setembro de 1938. — Após três anos e meio de serviço a missão, o Presidente Howells foi substituído por John Alden Bowers. O irmão Bowers logo notou um sentimento antagônico pelos alemães que aqui se encontravam, e em seu informe à Primeira Presidência, declarou: "Devido às pressões políticas, mais e mais alemães estão passando a falar português e excluindo o alemão... As reuniões realizadas em alemão foram proibídas em alguns lugares onde o trabalho está sendo realizado."

17 de dezembro de 1940 — A igreja adquiriu 36 mil metros quadrados de terra em Ipoméia.

Em junho de 1941, o presidente da missão soube de um decreto governamental que iria impedir a entrada de missionários adicionais no país. Todavia, a maioria dos oficiais do governo acreditava que a medida fosse apenas temporária.

28 de abril de 1942. O presidente da missão Pres. John Alden Bowers foi substituído por William W. Seegmiller, depois de ter dedicado três anos e meio ao serviço do senhor.

Nos fins desse ano (1942), a guerra principiava a cobrar seu tributo da força missionária e o Presidente Seegmiller estava principalmente preocupado com a saída dos missionários. Seus planos eram de ver o último missionário partir, até 23 de novembro do ano seguinte.

A mudança de alemão para português estava quase completa no que diz respeito aos missionários, e Presidente Seegmiller manifestou: "Foi bom para o Brasil, quando a lei proibiu o uso de alemão em lugares públicos. Isto forçará os imigrantes a aprenderem português, e será um fator singular a empreender para a unidade nacional... Um bom progresso está sendo conseguido entre as pessoas que falam o português. Os brasileiros são muito gentis para conosco. Recebemos tratamento amigável em todos os lugares."

Ao terminar o ano de 1943, a maior parte dos missionários havia partido, segundo o presidente da missão, Pres. Seegmiller previra. A partida dos missionários e o encerramento do proselitismo ativo na missão seriam, sem dúvida, um período probatório. O Presidente Seegmiller escreveu: "Nossos corações estão tristes hoje, porque quando Élder Pratt e o nosso filho mais jovem partirem do Rio de

Janeiro no próximo sábado, ficaremos muito sós. Ambos estão indo para casa, a fim de se apresentarem à junta de alistamento local para o serviço militar."

Entre 1942 e 1943, alguns missionários permaneceram no Brasil após o término de suas missões, para trabalhar no Consulado Americano. Um deles empregou-se no New York City Bank.

As irmãs Amélia Bowers e Mirian Terra, juntamente com Elder James Faust passaram a fazer pregação de porta em porta. Esta deve ser a primeira vez no Brasil que as irmãs levaram o Evangelho às pessoas desta maneira.

De dezembro de 1943 até fins de 1945, a missão operou sem missionários. Como consequência, muitos ramos foram fechados, devido ao fato de os irmãos locais não estarem preparados para dirigí-los. Alguns, todavia, foram organizados com presidências compostas de membros dos próprios ramos. O primeiro deles foi o ramo de Campinas, completamente organizado com membros locais, a 14 de novembro de 1943.

2 de maio de 1945 — Harold M. Rex, antigo missionário na Missão Brasileira, volta agora como presidente da missão, substituindo o presidente William W. Seegmiller.

Como um início apropriado para o novo ano de 1946, o irmão Alfredo Lima Vaz é chamado para servir no Brasil como o primeiro missionário de tempo integral.

15 de maio de 1946. Depois de um longo letargo da obra missionária chegam ao Brasil vindos dos Estados Unidos, os primeiros missionários de tempo integral a fim de prosseguir o trabalho iniciado em 1929 entre os alemães e descendentes radicados em Santa Catarina.

O Dr. Guerrit De Jong, deão do Colégio de Belas Artes da Universidade de Brigham Young e membro do Comitê de Música da Igreja, chega ao Brasil como diretor do Programa de Bons Vizinhos, em Santos.

Em janeiro de 1948, foi editado o órgão oficial da Missão Brasileira, denominado "A Gaivota". (Esta foi a primeira designação de "A Liahona", órgão oficial da família mórmon.)

8 de março de 1948 — O Elder Stephen L. Richards, do Conselho dos Doze, visita a Missão Brasileira, acompanhado de sua esposa. O casal já estivera na Argentina e Uruguai. Esta é a primeira vez que a Missão Brasileira, como missão propriamente estabelecida é visitada por uma autoridade Geral.

Durante esses anos, esforços foram despendidos para melhorar as sedes dos ramos e as acomodações para os missionários. Com a melhoria das condições reinantes, veio o flagelo de após guerra: a inflação.

7 de fevereiro de 1949 — Um dos missionários de Ipoméia teve acesso a um jipe. Os relatos evidenciam a data da seguinte forma: "Elder Pool partiu hoje para Joaçaba e então para a Vila das Três Voltas, a fim de visitar uma tribo local de índios guaranis.

11 de fevereiro de 1949 — Após uma dura viagem através de difíceis terrenos, Elder Pool alcançou, finalmente, a vila indígena. Teve, então, oportunidade de conversar demoradamente com o filho do chefe da tribo, que estava doente. O jovem índio traduziu então para o guarani a conversa que tiveram em torno da lenda indígena do Grande Deus Branco que visitara a tribo. Isso foi extremamente fortalecedor para o testemunho de Élder Pool, ouvir aqueles semi-selvagens falarem de Cristo, assim como estava relatado no Livro de Mórmon.

Sente-se que uma obra magnífica pode ser realizada entre esses descendentes de Lamanitas, porque o que necessita ser provado para os gentios, já é aceito como fato por esses povos. Ao partir, Elder Pool ofertou-lhes um Livro de Mórmon explicando que ele continha um verdadeiro e completo relato da visita desse "Deus Branco."

CONTINUARÁ NO PRÓXIMO NÚMERO

"Vamos Ler"

Por Walter Groccia

Segundo Conselheiro da

Missão Brasil Norte

O desenvolvimento da inteligência é adquirido através do conhecimento, e este, através da leitura, do estudo e da experiência, isto é, da vivência desse conhecimento.

Nosso testemunho cresce em proporção ao conhecimento que adquirimos e a nossa fé é fortalecida através desse conhecimento.

O conhecimento é essencial para a compreensão da vida, para satisfazer as necessidades humanas, bem como, para realização de seus valores e objetivos. O progresso em qualquer campo, saúde, engenharia, agricultura e também na vida religiosa, depende em grande parte do conhecimento das leis da natureza e de Deus, e de suas aplicações na vida humana. Como nos ensinou o Profeta Joseph Smith, "conhecimento é o poder da Salvação".

Temos na igreja, os meios necessários para alcançar todo o conhecimento que desejamos; livros canônicos, publicações diversas, entre estas "A Liahona".

Gostaria de prestar meu testemunho do poder de persuasão e exortação que a revista "A Liahona" transmite. No momento tenho apenas cinco assinaturas, das quais apenas uma fica em meu poder. As outras são destinadas aos meus amigos e a alguns membros da minha família que também não pertencem à igreja, mas que agora exigem o exemplar a eles destinado, quando por acaso não o entrego dentro do mês da sua publicação. Nas mensagens de **"A Liahona",** encontram aquela paz espiritual que não conseguiram e não conseguem encontrar em nenhuma outra revista ou publicação, além do conhecimento que veem adquirindo sobre as coisas do Senhor. As mensagens dos nossos profetas pelo Espírito que elas contêm enchem nossas almas de fé, esperança e amor.

Lembremo-nos que estamos neste mundo mas não pertencemos a ele, logo precisamos nos fortalecer com alimentos espirituais que promanam do nosso mundo, pois, somente com o Espírito do Senhor podemos transmitir e ensinar o que é para o espírito.

Eu sei que Jesus Cristo vive, que Joseph Smith é um profeta de Deus; eu sei que Spencer W. Kimball é um profeta de Deus, que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Sei que "A Liahona", é uma mensagem do Pai Celestial, porque se assim não fosse, os profetas e líderes da igreja não transmitiriam suas mensagens através dela, em nome de Jesus Cristo, Amém.

Conferência Da Estaca São Paulo Sul

A **Estaca São Paulo Sul foi organizada no dia 6 de setembro de 1970,** separando-se da Estaca São Paulo Leste e foi formada pelas unidades do ABC e Baixada Santista. Presidida desde o começo pelo Pres. Saul Messias de Oliveira, esta estaca dividiu-se em 8 de junho deste ano para organizar a Estaca de Santos.

Esta populosa área conhecida como o ABC possui um número superior a três mil membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e desponta como uma área bastante promissora para o trabalho do Senhor.

No dia 2 de dezembro de 1973 às dez horas, realizou-se a conferência da Estaca São Paulo Sul, contando com a presença e mensagem do Irmão Henry D. Taylor, assistente do Quorum dos Doze.

Numa ensolarada manhã de primavera congregaram-se mais de 700 pessoas, as quais ocuparam completamente todas as instalações da capela da Ala de Santo André. Além desta numerosa congregação, compareceram autoridades da Missão Brasil Central Sul, Presidente Nelson Baker e esposa, Irmã Baker.

O coro do seminário com aproximadamente 80 vozes, entre alunos em sua maioria e professores, ofereceu com brilhantismo a música para esta conferência. Paralelamente à sessão geral da conferência mais de 100 crianças se reuniram onde foram instruídas pelas suas professoras numa reunião especial da Escola Dominical Júnior da Estaca.

Um dia antes da sessão geral da conferência, teve lugar a reunião de liderança na qual os líderes em grande número compareceram para receber instruções concernentes a seus diversos cargos.

A mensagem do Irmão Henry D. Taylor se baseou principalmente num dos princípios fundamentais da igreja: **a revelação.** Esta mensagem foi imensamente inspiradora e deixou uma profunda impressão à todas as pessoas que a escutaram.

Muitos outros irmãos se dirigiram à congregação, entre eles, o Pres. Nelson Baker — presidente da Missão Brasil Central Sul —, a Irmã Taylor e o presidente da Estaca São Paulo Sul, Pres. Saul Messias de Oliveira.